

**Sara Alexandra de Sousa Calaça Anjos**

Coerção Sexual Entre Parceiros Íntimos



Universidade do Algarve  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
2021

**Sara Alexandra de Sousa Calaça Anjos**

Coerção Sexual Entre Parceiros Íntimos

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho elaborado sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Alexandra Gomes



Universidade do Algarve

Faculdade das Ciências Humanas e Sociais

2021

## **Modelo de Interdependência da Coerção Sexual entre Parceiros Íntimos e os Traços de Personalidade**

### **Declaração de autoria do trabalho:**

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem, de referências incluídas.

---

(Sara Alexandra de Sousa Calaça Anjos)

***Copyright by*** Sara Alexandra de Sousa Calaça Anjos

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de expressar os meus agradecimentos à Professora Alexandra Gomes, pela sua dedicação, compreensão e disponibilidade. Obrigada por ter estado do meu lado, me ter motivado e apoiado nesta fase tão importante. Obrigada por todas as contribuições que tornaram este trabalho possível.

À minha amiga Márcia Emídio, agradeço-lhe todas as palavras de incentivo e motivação, por ter acreditado em mim e no meu potencial.

Às minhas amigas Ana Moreira e Liliana Ferreira, por me motivarem, me ouvirem e nunca desistirem de mim.

Um especial obrigado à minha amiga Maria Carmo, que apesar de estar longe, ajudou-me na fase mais difícil desta dissertação. Sem ti, jamais teria conseguido. Obrigada!

À minha mãe e ao meu pai, o meu profundo agradecimento pelo amor incondicional, apoio e por me ter transmitido todos os valores e conceitos de vida que me tornaram na pessoa que sou hoje.

## Resumo

A coerção sexual é um tipo de violência sexual que se caracteriza por comportamentos direcionados a compelir um indivíduo a iniciar atividade sexual contra a sua vontade. A personalidade parece influenciar a expressão de comportamentos violentos, em particular, os traços sub-clínicos de personalidade- *Dark Tetrad* têm vindo a ser apontados como fatores predisponentes. A presente investigação pretende estudar os comportamentos coercivos entre parceiros íntimos e a sua relação com a *Dark Tetrad*, utilizando como ótica explicativa, o modelo de interdependência entre elementos do casal. Foi criado um questionário sociodemográfico, um referente à história do casal e um com possíveis cenários de coerção sexual. Utilizou-se ainda o *Questionário dos Traços Antagónicos de personalidade- Dark Tetrad* (Paulhus, Curtis & Jones, 2018), a *Escala Portuguesa de Afeto Positivo e Negativo* (PANAS; Watson, Clark, & Tellegen, 1988, versão portuguesa de Galinha & Ribeiro, 2005) e o *Questionário de Agressividade de Buss-Perry* (AQ) (1992). Foram contactadas 40 díades com idades compreendidas entre os 20 e os 62 anos de idade. Os resultados revelaram que a agressividade, a psicopatia e os afetos negativos contribuem para a perpetração do género masculino. Por outro lado, a psicopatia da mulher contribui para a vitimização do homem, sugerindo que o mesmo traço influencia não só o comportamento individual, mas também o comportamento do outro. O sadismo da mulher revelou contribuir para a vitimização da mesma.

Palavras chave: coerção sexual; parceiros íntimos; Dark Tetrad, violência sexual.

## **Abstract**

Sexual coercion is a type of sexual violence that is characterized by behaviors aimed at compelling an individual to initiate sexual activity against their will. Personality seems to influence the expression of violent behaviors, in particular, sub-clinical personality traits - Dark Tetrad have been identified as predisposing factors. The present investigation intends to study the coercive behaviors between intimate partners and their relationship with the Dark Tetrad, using as an explanatory perspective, the model of interdependence between elements of the couple. A sociodemographic questionnaire was created, one referring to the couple's history and one with possible sexual coercion scenarios. We also used the Questionnaire of Antagonistic Personality Traits - Dark Tetrad (Paulhus, Curtis & Jones, 2018), the Portuguese Positive and Negative Affect Scale (PANAS; Watson, Clark, & Tellegen, 1988, Portuguese version by Galinha & Ribeiro, 2005) and the Buss-Perry Aggression Questionnaire (AQ) (1992). Forty dyads aged between 20 and 62 were contacted. The results revealed that aggression, psychopathy and negative affect contribute to the perpetuation of the male gender. On the other hand, female psychopathy contributes to male victimization, suggesting that the same trait influences not only individual behavior but also the behavior of the other. The woman's sadism revealed to contribute to her victimization.

**Keywords:** Sexual coercion, intimate partners, Dark Tetrad, sexual violence.

## Índice

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento Teórico .....	4
3. Metodologia.....	13
3.1. População e amostra.....	13
3.2. Instrumentos .....	14
3.2.1. Questionário Sociodemográfico .....	14
3.2.2. Questionário referente à história do casal .....	14
3.2.3. Questionário Cenários de Coerção.....	15
3.2.4. Questionário dos Traços Antagónicos da Personalidade- Dark Tetrad (Paulhus et al.,2018, versão portuguesa de Rodrigues (2020)).....	15
3.2.5. Escala Portuguesa de Afeto Positivo e Negativo (PANAS; Watson, et al., 1988, versão portuguesa de Galinha &Ribeiro, 2005). .....	16
3.2.6. Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ; Buss & Perry, 1992, versão portuguesa de Simões, 1993). .....	17
3.3. Procedimentos .....	17
3.3.1. Procedimento de recolha de dados.....	17
3.3.2. Procedimento de Análise de Dados .....	18
4. Resultados.....	18
4.1. Caracterização da ocorrência de coerção sexual .....	18
4.2. Análise dos cenários.....	19
4.3. Identificação do perfil .....	20
4.4. Medidas de autorrelato .....	21
4.4.1. Estatísticas descritivas das escalas por género .....	21
4.4.2. Comparação entre grupos independentes (género).....	23
5. Discussão.....	28
6. Limitações .....	33
7. Considerações Finais .....	34

8. Referências bibliográficas .....	36
ANEXOS .....	54

## **Índice de Figuras**

Figura 4.1. Frequência da ocorrência dos cenários de coerção sexual .....	19
---	----

## **Índice de Tabelas**

Tabela 4.1. Estatísticas descritivas sobre as medidas de coerção dos cenários.....	20
Tabela 4.2. Estatísticas descritivas da Dark Tetrad, Agressividade-traço, Afetos Positivos e Negativos por Género .....	21
Tabela 4.3. Teste de comparação de amostras independentes (género) .....	23
Tabela 4.4. Correlações, por género .....	25
Tabela 4.5. Regressões lineares múltiplas .....	27

## **Índice de Anexos**

Anexos A. Consentimento Informado .....	55
Anexos B. Questionário Sociodemográfico .....	56
Anexos C. Questionário referente à história do casal.....	59
Anexos D. Questionário referente aos cenários de coerção sexual. ....	61
Anexos E. Questionário dos Traços Antagônicos de personalidade – Short Dark Tetrad (sd4).....	90
Anexos F. Escala de Afeto Positivo e Negativo (PANAS-AN/AP).....	97
Anexos G. Questionário de agressividade de Buss-Perry (AQ).....	98

## 1. Introdução

O ser humano é caracterizado por ser uma espécie sociável que estabelece com os demais laços de intimidade. Estes laços, podem ser pautados por ligações cordiais e saudáveis ou ligações disfuncionais e violentas, que se traduzem em mecanismos de resposta face à dinâmica relacional em que se inserem (Oliveira & Santi, 2005). A violência nas relações de intimidade é atualmente considerada um problema grave de saúde pública, por ser uma violação dos direitos humanos, mas também pelo impacto nefasto que acarreta para as vítimas a nível da saúde física e mental (Barroso, 2017; Costa & Duarte, 2000; Harvey et al., 2007), que conseqüentemente contribuem, para a morbidade e mortalidade da população, exercendo sobre o setor de saúde, impactos económicos e sociais (Tjaden & Thoennes, 2000).

O impacto destas vivências na saúde das vítimas, tem vindo a despertar interesse na comunidade científica e a promover um aumento dos estudos e definições neste contexto. Apesar de atualmente não existir uma definição universal para este fenómeno, parece ser consensual entre a comunidade científica que se trata de um ato violento, agressivo e hostil que impõe avanços sexuais indesejados sobre a vítima.

A violência sexual parece abranger um contínuo de comportamentos mais ou menos coercitivos e violentos. Considera-se que inclui a coerção sexual, que se caracteriza por uma forma subtil de pressionar, manipular ou ameaçar a vítima, sem recorrer de forma direta, a táticas violentas. O objetivo do perpetrador é fazer com que a vítima se conforme de forma a avançar para o ato sexual (Basile, 1999; Livingston et al., 2004). A violência sexual entre parceiros íntimos é uma das formas mais comuns de violência, sugerindo que um dos principais fatores de risco para as mulheres, em termos da sua vulnerabilidade, é estar casada ou coabitar com um parceiro íntimo.

A literatura empírica salienta que alguns traços da personalidade parecem predispor um indivíduo a comportamentos violentos. Os traços sub-clínicos da personalidade como o narcisismo e a psicopatia têm vindo a ser referenciados como predisponentes para a perpetração de violência sexual (Centifanti, et al., 2015; Hoffmann & Verona, 2018; Knight & Guay, 2006; Muñoz et al., 2011). O maquiavelismo tem também fornecido o seu contributo em comportamentos sexualmente inapropriados, nomeadamente contatos sexuais indesejados (Sarwer et al., 1993).

O sadismo também demonstra contribuir para comportamentos sexualmente agressivos (Malamuth, 2003; Zeigler-Hill, et al., 2013), apesar de esta relação, comparativamente aos outros traços antagônicos de personalidade ser ainda pouco estudada (Klann, 2017). Porém, podemos deduzir que altos níveis de sadismo podem propiciar o uso de táticas sexualmente coercivas devido à sua natureza agressiva e antissocial (Camilleri et al., 2009). Estes traços, têm ganho destaque na comunidade científica pois parecem fornecer uma hipótese viável para a explicação de comportamentos agressivos.

Vários autores fazem referência a um padrão mútuo de agressividade, em que ambos os gêneros podem exercer violência sobre o parceiro e assumir o papel de vítima e/ou agressor (McDermott et al., 2016; Oswalds & Russel, 2006; Scarduzio et al., 2016), sugerindo que o fenômeno de violência sexual entre parceiros íntimos é um processo dinâmico.

Apesar de terem sido apresentadas algumas propostas para explicar o comportamento agressivo, não existe um modelo específico explicativo da coerção sexual. De todos eles, destacamos o modelo de Webster et al. (2016) – um modelo de interdependência entre ator-parceiros – que estuda a dinâmica entre as características individuais parceiro e do autor e a sua interação, fornecendo uma hipótese explicativa para a ocorrência de comportamentos agressivos e os traços da *Dark Triad*. No entanto, ainda não foi testado este modelo com o sadismo, motivo pelo qual pretendemos estudar a coerção sexual entre parceiros íntimos com base nesta perspectiva. Neste sentido, pretendemos debruçamo-nos sobre o estudo dos comportamentos coercivos entre parceiros íntimos, utilizando como modelo explicativo a *Dark Tetrad* e a interdependência destes traços entre parceiros, para explicar a ocorrência da coerção sexual como um padrão de comportamento diádico agressivo.

De uma forma geral, espera-se que os resultados deste trabalho possam fornecer uma importante contribuição na compreensão do fenômeno da coerção sexual entre parceiros íntimos e a sua relação com os traços antagônicos da personalidade, enquanto processo de interdependência.

A presente dissertação encontra-se dividida em duas partes, a primeira referente à revisão da literatura, incluindo aspectos teóricos essenciais para a compreensão do fenômeno em causa, e a segunda parte, ao estudo empírico. O primeiro capítulo diz

respeito ao enquadramento teórico, que destaca os principais conceitos inerentes à violência sexual, os contextos em que ocorre, comportamentos clássicos, prevalência a nível nacional e mundial, implicações para a saúde das vítimas, modelos explicativos e traços da personalidade relacionados com a ocorrência de comportamentos sexualmente agressivos. O segundo capítulo diz respeito à metodologia utilizada, que inclui a população e amostra, variáveis e medidas, procedimentos de recolha e análise de dados. O terceiro capítulo contém a descrição dos resultados e o quarto a discussão dos mesmos. Quanto ao quinto capítulo, este diz respeito às considerações finais que pretendem sistematizar os contributos deste trabalho para a área de estudo em causa. Por fim, o sexto capítulo inclui as limitações do estudo e sugestões para investigações futuras.

## 2. Enquadramento Teórico

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define violência sexual (VS) como qualquer conduta sexual, tentativa de obter relação sexual, comentários ou avanços sexuais indesejados, condutas direcionadas para tráfico sexual ou ainda, qualquer outro comportamento dirigido contra a sexualidade de um indivíduo, através da utilização da coerção (Krug, et al., 2002). É um fenómeno transversal a todas as faixas etárias e a sua prevalência é mais elevada na idade adulta, mas pode ocorrer a qualquer momento da vida, em diversos contextos (Kilpatrick, et al., 1992; Tjaden & Thoennes, 2000).

A literatura evidencia que, as relações de intimidade são um contexto propício para a ocorrência de VS e que, frequentemente, os jovens não percecionam as agressões como abusivas, a par de que não reconhecem as relações sexuais forçadas como uma forma de violação, sendo considerado um comportamento aceitável pela maioria (Lewis & Fremouw, 2001; Oliveira & Sani, 2005).

Quando se aborda a VS, subsiste a ideia de que as mulheres são mais vitimizadas do que os homens. Apesar dos estudos desenvolvidos até à data não apresentarem resultados lineares neste sentido (Allroggen, et al., 2016; Kernsmith & Kernsmith, 2009), parece existir uma maior prevalência face ao género feminino (United Nations Children's Fund, 2012), afetando principalmente adolescentes e mulheres jovens (World Health Organization, 2002).

A nível mundial, a OMS estima que cerca de 12 milhões de pessoas são afetadas pela VS (WHO,2002) e 120 milhões de crianças e adolescentes do sexo feminino com idade inferior a 20 anos, já foram forçadas a ter relações sexuais ou praticar atos sexuais (UNCF, 2014).

Na Europa, os resultados apontam no mesmo sentido, com elevadas percentagens de comportamentos sexualmente agressivos. Os resultados de uma meta-análise feita em 27 países europeus, revelaram que 80% dos estudantes do sexo masculino e 40% dos estudantes do sexo feminino, foram sexualmente agressivos (Krahé, et al., 2014).

Em Portugal, entre 2013 e 2019, foi realizado um estudo, pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2019) que revelou que cerca de 4.761 pessoas foram vítimas de Violência Sexual, maioritariamente do sexo feminino (92%).

Este padrão de comportamento agressivo, devido ao seu carácter traumático, resulta numa série de implicações para a saúde das vítimas que se refletem a nível da saúde física e mental. Carvalho e colaboradores (2011) destacam que o impacto desta experiência se traduz no desenvolvimento de perturbações como a depressão, ansiedade, fobias, estados de choque, insónia, suicídio e perturbações sexuais, entre outros. A nível sexual e reprodutivo surgem complicações como gravidez indesejada e consequente interrupção, infeções sexualmente transmissíveis, ausência de líbido e anorgasmia, dor pélvica, dismenorreia, traumatismos externos, traumatismo genitais e extragenitais (Krug et al., 2002).

Apesar da complexidade desta problemática, pelas múltiplas formas e contextos em que ocorre, a literatura salienta que uma das formas mais comuns de VS é aquela que é perpetuada por um parceiro íntimo, sugerindo que mulheres casadas ou a coabitar com um parceiro possuem uma vulnerabilidade acrescida de sofrer este tipo de violência (WHO, 2003; Reno et al., 2000).

A coerção sexual, insere-se dentro do espectro da VS. Esta, consiste numa forma subtil de pressionar, manipular ou ameaçar a vítima, sem recorrer de forma direta, a táticas violentas, cujo objetivo é conseguir que a vítima se conforme, avançando para o ato sexual (Basile, 1999; Livingston et al., 2004).

O largo espectro de condutas coercivas e dificuldade em diferenciá-lo da VS, parece ter resultado em alguma inconsistência na literatura no que diz respeito à sua definição.

De acordo com o estudo de Krahe e colaboradores (2014), a VS define-se como comportamentos realizados com o intuito de compelir outra pessoa a iniciar atividade sexual ou comunicação sexual, contra a sua vontade. Vários outros autores já incluem o toque sexual ou a sedução contra a vontade da vítima, como um aspeto essencial da coerção sexual, considerando também, a existência de uma tática coerciva (não física), caracterizada pela utilização de drogas e álcool para incapacitar a vítima (Camilleri et al., 2009; Sackelford & Goetz, 2004; Schatzel-Murphy et al., 2009; Stuckman-Johnson et al., 2003). A coerção sexual pode ter lugar quando a vítima resiste e a sua tentativa de resistir não é bem-sucedida, mas também quando esta não dá o seu consentimento ou quando se submete de forma anuída aos atos sexuais, por via da coação (ameaças, intimidação, pressão, humilhação) (Raghvan & Tamborra, 2015).

Não obstante o largo espectro de definições de atos de coerção sexual, sintetizamos cinco tipos de táticas coercivas clássicas presentes na literatura que aqui agrupamos de forma a clarificar o tipo comportamento coercivo:

1) excitação das partes íntimas de forma a insistir no contato sexual (beijar e tocar insistentemente após recusa); 2) utilização de pressão psicológica; 3) manipulação emocional (argumentos que utilizam a culpabilização e obrigação); 4) utilização de mentiras, falsas promessas e chantagem; 5) tirar proveito de uma situação na qual a pessoa se encontra intoxicada, seja por álcool ou drogas. (Anderson, et al., 2005; Basile, 1999; Kernsmith & Kernsmith, 2009; Koss et al., 2007; Livingston et al., 2009; Stuckman-Johnson et al., 2003).

Apesar dos estudos desenvolvidos até à data não apresentarem resultados lineares no que diz respeito à prevalência de género da coerção sexual, parece existir uma tendência acentuada das mulheres sofrerem mais coerção (Allroggen et al., 2016; Kernsmith & Kernsmith, 2009). Não obstante de, aparentemente, se verificar uma maior prevalência face às mulheres, onde aproximadamente 1 em cada 10, experienciou penetração forçada ou outro tipo de contato sexual forçado nalgum momento da sua vida (UNCF, 2012), a evidência empírica demonstra que a violência entre parceiros íntimos se caracteriza por trocas mútuas de agressões, contradizendo esta ideia de agressão unilateral homem-mulher (Lewis & Fremouw, 2001; Matos et al., 2006; Paiva & Figueiredo, 2004; Strauss, 2004). Destacamos ainda o estudo de Hadjicharalambous e Sisco (2016) que refere que 79.1% dos estudantes do sexo masculino e 78.4% dos estudantes do sexo feminino não respeitaram, de alguma forma, os limites do parceiro.

Nas últimas décadas, a definição de personalidade tem sido alvo de estudo, principalmente nas Ciências Sociais e Humanas. Este crescente interesse originou mudanças significativas no campo da Psicologia bem como uma proliferação de definições e abordagens distintas (Batista, 2008). Das distintas definições, salienta-se a de Larsen e Buss (2005) que concetualizam a personalidade como um conjunto de traços e mecanismos psicológicos duradouros que influenciam a capacidade de um indivíduo interagir e adaptar-se ao espaço intrapsíquico, físico e social. A mesma pessoa pode pensar e agir de diferentes maneiras em situações distintas, sugerindo que o comportamento é algo variável, porém existem dimensões do comportamento que são invariáveis – os traços da personalidade (D’Amico & Monteiro, 2012). A personalidade é, portanto, composta por traços que são responsáveis pela consistência de

comportamentos, pensamentos e sentimentos fornecendo-nos um esboço da individualidade (Mc Adams & Pals, 2006).

A literatura também tem vindo a demonstrar o seu interesse no estudo das dimensões da personalidade que parecem contribuir para a expressão de comportamentos agressivos em situações específicas, em particular, nas táticas sexualmente agressivas (DeGue & DiLillo, 2005; Muñoz, et al., 2011; Voller & Long, 2010).

Apesar da proliferação de estudos sobre agressão, ainda não existe uma definição consensual para este fenómeno, sendo comum que este termo seja confundido com violência (Allen & Anderson, 2017). O termo agressividade refere-se a um comportamento que tem como objetivo causar dano físico ou psíquico a outrem. É um comportamento destrutivo e punitivo (Guimarães & Pasian, 2006), que pretende causar de forma intencional sofrimento a outra pessoa que pretende evitá-lo (Anderson & Bushman, 2002; DeWall et al., 2013). A agressão é um comportamento observável, que requer colocar em prática a intenção de ferir o outro e no qual a vítima tenta evitar (DeWall et al., 2013). A violência é um termo mais lato, onde o comportamento intencionalmente agressivo pode ser dirigido contra o próprio, outra pessoa, grupo ou comunidade e onde existe a possibilidade de lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug et al., 2002)

O traço agressivo da personalidade parece conseguir prever com alguma exatidão, a ocorrência e intensidade de comportamentos violentos. Desta forma, pessoas com elevados níveis de agressividade revelam uma maior intencionalidade na expressão destes comportamentos e conseqüentemente, agem de forma mais violenta. Parece que a predisposição para a agressividade contribui para uma maior frequência destes comportamentos e para a atribuição de intenções hostis aos outros, sugerindo o carácter mediador deste traço entre situação e agressão (Bettencourt et al., 2006).

As diferenças individuais revelam o seu papel nos comportamentos agressivos e, portanto, parece pertinente estudar a predisposição de algumas pessoas para agir de acordo com este traço. Robinson & Wilkoswky (2010), referem a importância de considerar fatores individuais e situacionais para poder prever com alguma fiabilidade estes comportamentos. Os autores defendem que qualquer tentativa na previsão de condutas agressivas, será mais precisa e fiável, se forem considerados os traços da

personalidade (Bettencourt et al., 2006; McAdams, 2000; Wilkowski et al., 2010). É essencial não só considerar as variáveis individuais, mas também a sua interação com as outras variáveis, uma vez que a reatividade face a determinada situação é fundamental na determinação da agressão (Caprara, 1987).

O padrão de comportamento agressivo emerge da interação entre fatores pessoais (traços) e situacionais que podem contribuir para potenciar ou diminuir o nível de ativação necessário para a expressão do comportamento agressivos. A agressividade parece surgir como uma característica interna que possui sensibilidade à provocação, ou seja, existe um menor nível de provocação necessário para que ocorra agressão, sugerindo a predisposição para a adoção de comportamentos agressivos (Marshall & Brown, 2006).

Têm sido detetadas diferenças significativas entre géneros na expressão de comportamentos agressivos. Archer (2004) na sua meta análise constatou que os homens têm uma maior tendência para a agressão física, relativamente às mulheres. Também possuem uma maior predisposição para a agressão verbal, embora não tão acentuada. Inversamente, os resultados de Björkqvist (2017) foram diferentes, considerando que ambos os géneros apresentaram os mesmos níveis de agressão verbal. Porém, os homens utilizam mais a agressão física, contrariamente às mulheres que utilizam uma manipulação mais social, com a intenção de magoar o outro psicológica ou socialmente.

Ainda no contexto da agressão, salientamos o papel que os afetos desempenham na experiência afetiva conjugal. Os afetos são dimensões que pretendem avaliar o bem-estar subjetivo e a afetividade, caracterizam a intensidade e frequência com que as pessoas vivenciam emoções (Lyubomirsky et al., 2005). Watson e colaboradores (1988) desenvolveram uma escala –Positive and Negative Affect Schedule (PANAS) – que avalia a afetividade em duas grandes dimensões: afetos positivos e afetos negativos. Os afetos positivos revelam prazer e bem-estar subjetivo, em particular entusiasmo, inspiração e determinação. Os afetos negativos refletem desprazer e mal-estar subjetivo, que incluem emoções como o medo, nervosismo e perturbação.

Naragon e Watson (2009) estudaram os afetos positivos no contexto da satisfação conjugal e verificaram que pontuações elevadas nesta dimensão, refletem

uma maior satisfação conjugal, o que conseqüentemente poderá contribuir para a diminuição da ocorrência de comportamentos sexualmente agressivos.

Os afetos negativos incluem um conjunto de vivências negativas como a raiva, hostilidade, desconfiança, ansiedade, stress e pensamentos de vingança (Moffitt et al., 2001). Hall e Hirschman (1991) salientam que a raiva e hostilidade são estados afetivos que antecedem e propiciam comportamentos sexualmente agressivos. A hostilidade tem também vindo a ser referenciada como estando relacionada com comportamentos antissociais, com um maior número de recidivas em agressores sexuais (Firestone et al., 2005) e com a dificuldade do agressor gerir a sua hostilidade face à vítima (Ward, 2000). Este tipo de estados afetivos negativos poderão fornecer o seu contributo significativo na ocorrência de comportamentos agressivos na dinâmica do casal.

Nas últimas décadas, o estudo da agressão tem sido sustentado na perspetiva de que existe um traço específico que predispõe a expressão de comportamentos agressivos. Conseqüentemente, tem-se assistido a um desenvolvimento de vários quadros conceituais com perspetivas distintas que salientam fatores específicos na explicação deste fenómeno. As diversas propostas desenvolvidas até à data vão desde o contexto social até posições estritamente biológicas. Apesar da coerção sexual ser um comportamento sexualmente agressivo e ter vindo a ganhar destaque na comunidade científica, até à data, ainda não existe um modelo explicativo específico para o mesmo.

Contudo, o Modelo Geral da Agressão, constitui uma das recentes tentativas utilizado na explicação do comportamento agressivo. A personalidade surge como um produto de padrões afetivos, cognitivos e comportamentais, que formam uma componente essencial na compreensão dos fatores individuais predisponentes de manifestações agressivas. Este modelo representa uma tentativa de integração teórica da agressão no estudo da personalidade uma vez que fornece uma hipótese explicativa do papel da personalidade em comportamentos agressivos em diversos contextos, incluindo o comportamento coercivo ou agressivo na intimidade do casal (Anderson & Anderson, 2008). O MGA preconiza que o comportamento agressivo é influenciado por fatores biológicos, de desenvolvimento, cognitivos e sociais, propondo que o mesmo se desenrola com base em processos proximais (fortemente influenciados pela situação social) e distais (tendência individual para a agressão).

Apesar deste modelo multidimensional conseguir explicar com sucesso estes comportamentos, a perspetiva sobre a agressividade tem sido sustentada na ideia de que existe um traço específico de personalidade para a agressividade, nomeadamente desde que Buss-Perry (1992) desenvolveu a sua medida para este conceito. Todavia, Paulhus e colaboradores (2018) criticam esta abordagem, propondo que o instrumento, não capta um constructo da personalidade, mas sim comportamentos agressivos que podem ser explicados por outros traços de personalidade.

A literatura tem-se centrado na ligação entre os traços de personalidade BIG Five e/ou HEXACO e a agressão, observando-se de forma consistente uma relação entre a tendência para a agressão e uma baixa conscienciosidade, baixa amabilidade e elevado neuroticismo (e.g. Jones, Miller, & Lynam, 2011). Não obstante a importância dos fatores de personalidade, os estudos têm vindo a mostrar um padrão de relação entre os traços de personalidade antagónicos sub-clínicos, socialmente não desejáveis como o narcisismo, psicopatia e maquiavelismo, e a explicação do comportamento agressivo, nomeadamente no caso da psicopatia, que parece superar a capacidade explicativa de outros traços de personalidade, quer da tríade, quer do *Big Five* (Paulhus et al., 2018). Na última década, os estudos têm-se debruçado essencialmente nas três características que compõem a personalidade “negra” – maquiavelismo, psicopatia e narcisismo – e que contribuem significativamente para a ocorrência de comportamentos socialmente não desejáveis. Estes são conceitos distintos, mas que se relacionam quando sobrepostos numa mesma personalidade, constituindo a *Dark Triad* (D’Souza & Lima, 2014; Furnham, et al., 2013; Paulhus & Williams, 2002;). Considere-se que não implicam um quadro patológico e, portanto, não podem servir como base para diagnósticos de perturbações da personalidade, embora pareçam estar relacionados com a falta de empatia, dissimulação, agressividade e autopromoção, constituindo personalidades com traços sombrios e manipuladores (Paulhus & Williams, 2002).

Os indivíduos com traços da personalidade sombrios, podem comportar-se de forma egoísta, a fim de atingir os seus objetivos pessoais, o que pode conduzi-los a manipular situações e/ou informações. O maquiavelismo caracteriza-se por um padrão de características tipicamente manipuladoras, onde o indivíduo utiliza um conjunto de estratégias, não considerando os meios para atingir os próprios fins (D’Souza & Lima, 2015). O traço de psicopatia é caracterizado por ausência de empatia, culpa ou remorsos, desvio das normas sociais estabelecidas, frieza emocional, impulsividade e

facilidade em influenciar e dissuadir outros (D'Souza & Lima, 2015; Miller & Lynam, 2015; Patrick et al., 2009). Os indivíduos com este traço são tendencialmente agressivos, pelo que demonstram baixos níveis de ansiedade e possuem uma baixa capacidade na compreensão e gestão de emoções (Jones & Pahlus, 2014). O traço narcisista envolve um padrão de comportamento direcionado para a exibição das habilidades/capacidades; o indivíduo é charmoso e exibicionista e possui uma enorme necessidade de poder, domínio e admiração (D'Souza & Lima, 2015). Assim, demonstra falta de empatia pelos sentimentos, desejos e necessidades dos outros (Filho, et al., 2012). Recentemente, foi acrescentado ao modelo o Sadismo, constituindo-se a *Dark Tetrad*. O Sadismo consiste num padrão de comportamento direcionado para humilhar e prejudicar os outros, física, sexual e psicologicamente, através do qual, o indivíduo obtém prazer pessoal com tais condutas (O'Meara, et al., 2011).

Estes quatro traços antagónicos têm vindo a ganhar corpo na literatura, uma vez que a sua interação ao nível da explicação do comportamento agressivo parece surgir como uma hipótese viável. Por exemplo, o narcisismo parece estar associado ao prazer em observar cenas sexuais carinhosas e afetuosas que terminam em violência sexual (Bushman, et al., 2003), motivando a ideia de que estes indivíduos poderão estar mais propensos a comportamentos coercivos na intimidade. O estudo de Buckels e colaboradores (2013) verificaram que os indivíduos mais sádicos procuravam criar situações em que pudessem ser mais agressivos com parceiros inocentes.

O modelo da tríade, parece ser também capaz de explicar com sucesso comportamentos de agressão entre casais, observando-se não apenas um efeito isolado da psicopatia na presença do comportamento agressivo, mas também o efeito da psicopatia no comportamento agressivo do ator (Webster et al., 2016), sugerindo a inerência de um processo dinâmico, não tendo sido ainda testado o modelo que inclui o sadismo.

Apesar dos estudos realizados no âmbito da violência nas relações de intimidade, se focarem essencialmente na violência exercida sobre a mulher, diversos autores concluíram que ambos os géneros podem exercer violência sobre o parceiro e assumir o papel de vítima e/ou agressor (McDermott et al., 2017; Oswalds & Russel, 2006; Scarduzio et al., 2016). O estudo de casais através de uma perspetiva dinâmica de agressão, pode fornecer uma importante contribuição no que diz respeito à compreensão da violência sexual enquanto processo de interdependência. Webster et al. (2016)

propõem um modelo de interdependência entre ator-parceiro que fornece uma proposta explicava destes processos.

O estudo de casais, concetualizando-os como uma díade, parece ser relevante para a compreensão da agressão interpessoal como sendo um processo dinâmico. O Modelo de Interdependência autor-parceiro (APIM's), é um modelo que analisa dados diádicos e que tem vindo a ser amplamente utilizado no estudo da agressão (Dickson et al., 2015; Parrott et al., 2012; Watkins, et al., 2014; Webster et al., 2016).

Este modelo estuda a interdependência nas relações interpessoais (Cook & Kenny, 2005), utilizando técnicas estatísticas específicas para analisar individualmente e simultaneamente, o efeito do autor e parceiro na relação. Debruça-se também sob o efeito que as características dos membros da díade exercem um sobre o outro e a relação existente entre elas.

Webster et al. (2016) aplicaram este modelo para examinar a relação entre a *Dark Triad* e a tendência para a agressão em casais. Os autores debruçaram-se sobre o estudo da interação entre os traços do parceiro e do autor da perpetração, na tentativa de estabelecer uma relação entre os traços da *Dark Triad* e a ocorrência de comportamentos agressivos bem como compreender o peso que cada variável exerce nesta dinâmica.

O modelo APIM's é composto por duas dimensões distintas: o *actor effects* e o *partner effects*. O efeito do X de uma pessoa no seu próprio Y é referido como *actor effects*, que reflete associações entre os próprios traços pessoais (traços da *Dark Triad* nos homens – agressão dos homens; Traços da *Dark Triad* nas mulheres – agressão mulheres). Por outro lado, o efeito do X do parceiro no Y do outro elemento, é referido como *Partner Effect* e espelha associações entre os traços do próprio e do seu parceiro, refletindo a interdependência existente (traços da *Dark Triad* dos homens correspondem à agressão das mulheres; traços da *Dark Triad* das mulheres correspondem à agressividade dos homens) (Webster et al., 2016). Assim, este modelo permite calcular simultaneamente e de forma independente o efeito que uma variável independente de determinada pessoa, exerce na variável dependente (*Actor Effect*) ou na variável dependente do parceiro (*Partner Effect*) (Campbell et al., 2001).

Considerando a coerção sexual um comportamento sexualmente agressivo de dominância e poder, que poderá originar um ato de violência sexual ou um ato sexual

não consentido (Carvalho, et al., 2011; De Visser et al 2007; Krug et al., 2002; Najman et al., 2005), há pertinência no estudo deste fenómeno com base nesta perspetiva.

Alicerçado nesta problematização, este estudo tem como objetivo principal conhecer os comportamentos coercivos entre díades de parceiros íntimos heterossexuais, tendo como modelo explicativo a *Dark Tetrad* e a interdependência destes traços entre parceiros, para explicar a ocorrência da coerção sexual.

### **3. Metodologia**

O presente estudo, de tipo correlacional e transversal, sustenta-se no modelo teórico da interdependência de traços entre ator-observador. Foram consideradas como variáveis de interdependência os traços de personalidade antagónicos de narcisismo, psicopatia, maquiavelismo e sadismo, bem como a avaliação dos afetos positivos e negativos na relação. Como variável de saída do modelo foram considerados os comportamentos de coerção sexual, que dada a natureza, a relação dos dados será sempre de associação.

#### **3.1. População e amostra**

Este estudo incide sobre a análise de díades que estão envolvidos emocionalmente, para isso foram contactados vários casais, cujo *status* de relação fosse conhecido pelo investigador (monogâmico, heterossexual), constituindo-se a amostra por uma técnica de amostragem por acessibilidade ao investigador. Das 40 díades contactadas, 23 aceitaram participar, mas apenas 15 concluíram o preenchimento do instrumento de recolha de dados. Nas restantes díades (oito díades), apenas a mulher preencheu o instrumento. A amostra final recolhida é constituída por 38 indivíduos, dos quais 23 mulheres (60.5%) e 15 homens (39.5%), com idades compreendidas entre os 20 e os 62 anos de idade, maioritariamente do sul do país (68.4%), seguido da Estremadura e Ribatejo (15.8%), Beira Interior e Litoral (5.3%), Douro, Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro (2.6%).

Quanto à atividade profissional, a maioria dos participantes trabalham por conta de outrem (42,1%), seguido por trabalhadores-estudantes (23.7%), estudantes a tempo

inteiro (18,4%), desempregados/procura o primeiro emprego (7.9%) e trabalhadores por conta própria (7.9%).

Em relação ao estado civil, a maioria dos participantes são solteiros (60.5%), seguido por casado ou em união de facto (36.8%) e somente um participante era separado ou divorciado (2.6%).

Os participantes são heterossexuais, encontravam-se no relacionamento há, pelo menos, 3 meses e a duração média dos mesmos é de 60 meses (5 anos) (DP=116.028).

A maioria considera que a sua relação é estável (97.4%) e monogâmica (84.2%).

### **3.2.Instrumentos**

Com o intuito de recolher informação sobre os dados sociodemográficos, história do casal, comportamentos de coerção, traços sub-clínicos da personalidade e comportamentos agressivos foram utilizados os seguintes instrumentos:

#### **3.2.1. *Questionário Sociodemográfico***

O Questionário Sociodemográfico (QS) foi desenvolvido com o intuito de recolher informação sociodemográfica dos participantes como a idade, género, estado civil, escolaridade, profissão e região de origem.

#### **3.2.2. *Questionário referente à história do casal***

O questionário referente à história do casal contém um conjunto de questões que foram especificamente concebidas para avaliar a história da relação. A primeira parte, é composta por quatro questões: (1) Há quanto tempo está no seu relacionamento atual? (2) Considera que a sua relação é estável? (3) Considera que a sua relação é fechada ou monogâmica? (4) Como descreveria a sua relação do ponto de vista da sua orientação? A segunda parte, é composta por outras quatro questões que avaliam a presença de comportamentos coercivos: (1) Alguma vez sentiu que o/a seu/sua parceiro/a a/o coagiu de alguma maneira do ponto de vista sexual? (2) Alguma vez sentiu que era forçado/a a fazer alguma coisa que não desejava por parte do seu/sua parceiro/a? (3) Alguma vez

cedeu aos avanços do/a seu/sua parceiro/a, apesar de inicialmente não ser sua vontade fazê-lo? (4) alguma vez sentiu ameaças ou chantagem por parte do/a seu/sua parceiro/a, com vista a conseguir algo de si?.

### **3.2.3. Questionário Cenários de Coerção**

O Questionário Cenários de Coerção contém 27 cenários concebidos especificamente para avaliar situações de coerção sexual. Após a leitura dos cenários os participantes deveriam responder a três questões. Na primeira parte, o participante deveria assinalar caso se identificasse com a situação descrita (“*Consegue identificar-se com esta situação?*”). Na segunda parte, assinalar qual seria o seu papel (agressor ou vítima) na situação (“*Quando passou pela situação (ou hipoteticamente), qual é que considera que foi o seu papel na história?*”). Na última parte, assinalar o desfecho da situação num grau crescente de agressão- relação sexual com consentimento, relação sexual sem consentimento e violência sexual – (“*Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo*”).

O questionário apresenta uma elevada consistência interna para a presente amostra ( $\alpha=.922$ ).

### **3.2.4. Questionário dos Traços Antagónicos da Personalidade- Dark Tetrad (Paulhus et al.,2018, versão portuguesa de Rodrigues (2020)).**

Para avaliar os traços sub-clínicos de personalidade utilizou-se uma adaptação para a língua portuguesa do Questionário dos Traços Antagónicos da Personalidade- o *Short Dark Tetrad*. É composto por 30 itens no total e subdivide-se em quatro dimensões que avaliam os traços antagónicos da personalidade -Maquiavelismo (“*Não é sensato deixar as pessoas saberem os teus segredos*”), Narcisismo (“*Tenho um talento natural para persuadir as pessoas*”), Psicopatia (“*As pessoas que se metem comigo arrependem-se sempre*”) e Sadismo (“*Ver uma luta excita-me*”). As respostas foram obtidas através de uma escala tipo *Likert* com 5 pontos (1- discordo fortemente; 5) concordo fortemente. O valor de cada subescala é medido pela soma dos seus itens, onde valores elevados espelham a forte presença de traços antagónicos de

personalidade. Pontuações elevadas na subescala do maquiavelismo indicam uma tendência acentuada para manipular os outros e satisfazer as próprias necessidades. Na subescala do narcisismo, sugerem um sentido do self exacerbado e sentimento de superioridade em relação aos outros. Quanto à subescala da psicopatia, esta corresponde a ausência de empatia e sensibilidade (Jonason & Webster, 2010). A subescala do sadismo espelha sentimentos de prazer na humilhação, sofrimento e dor de terceiros (Paulhus, 2014).

A medida possui uma consistência interna satisfatória na escala completa ( $\alpha = .88$ ). As quatro subescalas apresentam, a seguinte consistência interna: maquiavelismo ( $\alpha=.47$ ), narcisismo ( $\alpha=.69$ ), psicopatia ( $\alpha=.62$ ) e sadismo ( $\alpha=.81$ ).

### **3.2.5. Escala Portuguesa de Afeto Positivo e Negativo (PANAS; Watson, et al., 1988, versão portuguesa de Galinha & Ribeiro, 2005).**

A Escala Portuguesa de Afeto Positivo e Negativo avalia as dimensões gerais que descrevem a experiência afetiva dos sujeitos em dois polos distintos- Afetos Positivos (AP) e Afetos Negativos (NA). É composta por 20 itens distribuídos equitativamente pelas duas escalas. Os itens são classificados numa escala tipo Likert que varia entre 1 (“Nada ou muito ligeiramente”) e 5 (“Extremamente”). A pontuação é obtida através do somatório dos itens em cada subescala. As pontuações elevadas na subescala dos AP correspondem altos níveis de prazer e bem-estar-subjetivo, entusiasmo, inspiração e determinação. Os AN elevados sugerem desprazer, mal-estar subjetivo, medo, nervosismo e perturbação (Galinha, 2014). Ao nível da consistência interna, comparando o estudo original com a versão portuguesa, observou-se que os valores são idênticos. Os resultados foram os seguintes: *alpha* de *Cronbach* para a escala de afeto positivo no estudo original .88 e na versão portuguesa .86; *alpha* de *Cronbach* para a escala de afeto negativo no estudo original .87 e na versão portuguesa .89. O PANAS apresenta uma fiabilidade adequada para a presente amostra de .89. A subescala dos AP evidenciou uma excelente consistência interna ( $\alpha = .93$ ). Quanto à subescala dos AN, esta apresenta uma fiabilidade satisfatória, mas ligeiramente inferior ( $\alpha =.88$ ).

### **3.2.6. *Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ; Buss & Perry, 1992, versão portuguesa de Simões, 1993).***

É um instrumento multidimensional que avalia comportamentos agressivos, composto por 29 itens e por quatro subescalas: agressividade física (9 itens), agressividade verbal (5 itens), raiva (7 itens) e hostilidade (8 itens). Cada um dos itens foi classificado numa escala que varia entre 1 (Nunca ou quase nunca) e 5 (Sempre ou quase sempre). Os itens 7 e 18 são cotados de forma inversa. A pontuação total calcula-se com base no somatório do resultado obtido em cada item. A subescala da Agressividade Física e Agressividade Verbal referem-se a comportamentos que pretendem magoar o outro e exercer poder sob o mesmo. A subescala da Raiva representa a dimensão emocional inerente ao comportamento agressivo. A subescala da Hostilidade estão associados pensamentos de cariz malicioso e injusto (Buss & Perrys, 1992). No estudo original, a escala evidenciou boa consistência interna e da análise resultaram os seguintes *alfas* de *Cronbach*: .81 para a agressividade física, .77 para a agressividade verbal, .74 para a raiva, .77 para a hostilidade e .93 para a escala total.

Em Portugal, a primeira tradução da escala foi realizada por Simões (1993), seguida do seu estudo de validação. No que concerne à fidelidade, o valor do *alfa* de *Cronbach* para a agressividade verbal (.60) é baixo comparativamente aos outros fatores e ao total, variando entre .73 (hostilidade) e .87 (total da escala). No presente estudo, a escala total (.93) bem como as quatro subescalas apresentam elevada consistência interna: agressividade física (.82), agressividade verbal (.73), raiva (.74) e hostilidade (.76).

## **3.3.Procedimentos**

### **3.3.1. Procedimento de recolha de dados**

A recolha de dados foi efetuada em suporte digital através da disponibilização do instrumento numa plataforma que continha os questionários. Para emparelhar a amostra foi atribuído um código a cada díade que deveria ser inserido antes do preenchimento dos questionários, de maneira que fosse possível associar cada participante ao seu respetivo parceiro.

Na plataforma foi apresentado o objetivo do estudo, pedido que preenchessem o Consentimento Informado e indicado a confidencialidade e caráter anónimo do mesmo.

Caso aceitassem participar, deveriam clicar na opção “Pretendo participar no estudo”, inserir o código que lhes foi atribuído e responder com a maior sinceridade possível aos questionários.

### **3.3.2. Procedimento de Análise de Dados**

Para a análise de dados, utilizou-se o *software* estatístico IBM SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*, versão 25). Após a inserção dos dados na base, realizou-se uma análise descritiva para caracterizar os participantes a nível sociodemográfico, a nível da relação e a nível dos comportamentos coercivos. Para tal, efetuaram-se as seguintes análises descritivas estatísticas: medidas de tendência central (média, desvio padrão, valor mínimo e valor máximo) e inferencial (comparação de médias).

Foram utilizadas regressões estatísticas múltiplas para observar o efeito dos traços de personalidade no comportamento agressivo geral, em particular, no comportamento de coerção sexual, considerando o modelo de interdependência do casal. Foi considerado o nível de significância de 5% para a tomada de decisão, relativamente aos testes estatísticos realizados.

## **4. Resultados**

### **4.1. Caracterização da ocorrência de coerção sexual**

A ocorrência de coerção sexual foi analisada através de duas formas. Na primeira forma, questionamos diretamente os participantes acerca da presença de comportamentos coercivos através de quatro questões diretas. Na segunda forma, foi pedido aos participantes que lessem cenários com histórias coercivas e assinalassem, caso já tivessem passado pela situação, com que papel se identificavam e qual o desfecho da situação num grau crescente de agressão (relação sexual com consentimento, relação sexual sem consentimento e violência sexual).

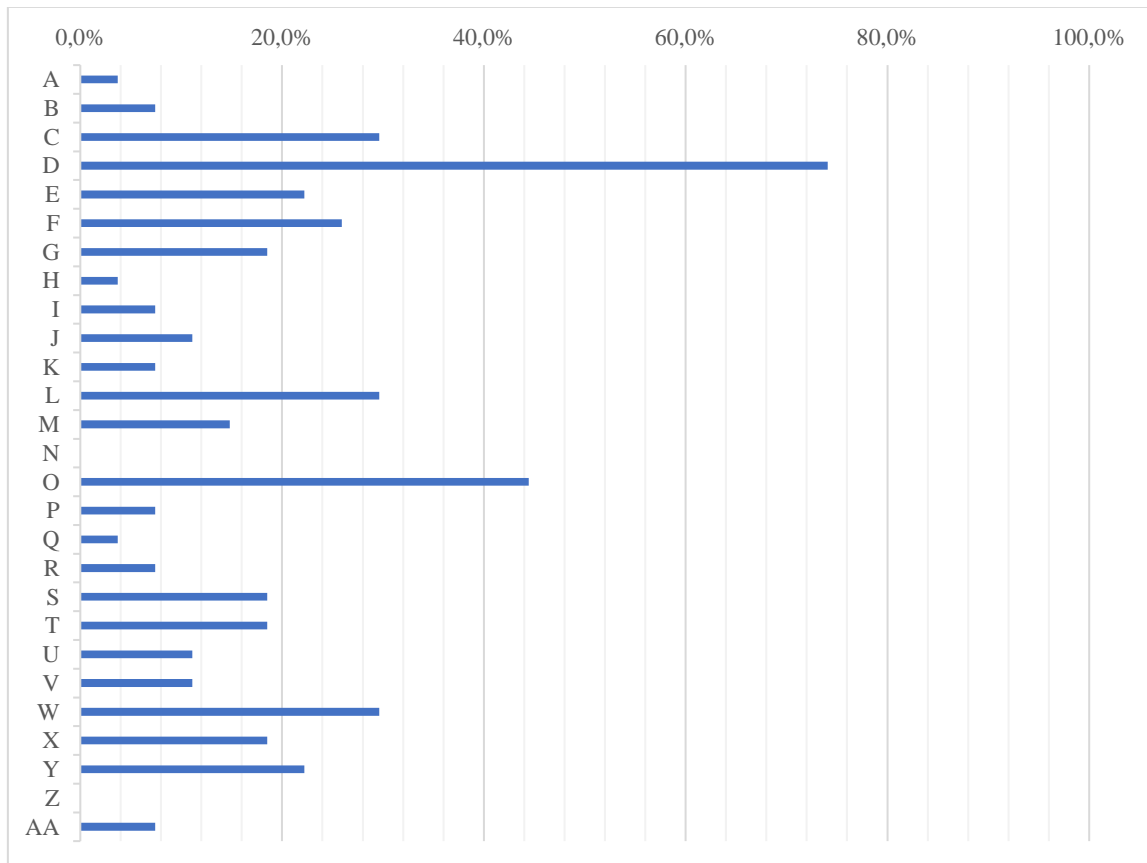
Os resultados revelam que a maioria dos participantes (92.1%) considera que o seu parceiro nunca o coagiu do ponto de vista sexual ou forçou a fazer alguma coisa que não desejava (94.7%). Mas mais de metade (68.4%), cedeu aos avanços sexuais apesar de inicialmente não ser essa a sua vontade. Apenas três participantes (7.9%) referiram

ter sido ameaçados ou chantagados pelo parceiro, com vista a obter algum benefício sexual.

Das quatro questões diretas acerca da ocorrência de coerção sexual apenas a quarta questão (*Alguma vez sentiu ameaças ou chantagem por parte do/a seu/sua parceiro/a, com vista a conseguir algo de si?*) apresenta uma associação com o sexo, sendo que são os homens que respondem mais vezes afirmativamente a esta questão ( $\chi^2 = 4.994, p = .025$ ).

#### 4.2. Análise dos cenários

**Figura 4.1.** *Frequência da ocorrência dos cenários de coerção sexual*



Para avaliar as respostas afirmativas dos participantes a cada cenário, foi realizada uma análise de frequências. A figura 4.1, ilustra a porcentagem de respostas afirmativas, evidenciando que quatro cenários revelam elevada ocorrência de coerção sexual- o D, o O, o W e o L. O cenário D, que retrata uma situação de contato sexual persistente, apresenta a maior frequência de resposta afirmativa (74.1%). Em relação ao

cenário O também com elevada frequência (44.4%), retrata uma situação de intoxicação por álcool e tentativas forçadas de contatos sexuais.

Dois cenários apresentaram mesma frequência de respostas afirmativas (o W e o L) situando-se nos 29.6%. O cenário W, ilustra uma situação de insistência para envio de fotos de cariz sexual enquanto o cenário L, retrata tentativas forçadas de penetração durante a noite.

O cenário N e o cenário Z, também exibiram uma frequência similar, mas nula. O cenário N retrata uma situação de insistências para iniciar a penetração enquanto um dos elementos se encontra medicado. Quanto ao cenário Z, este retrata uma situação de chantagem emocional (divulgação de vídeos) realizada por um dos elementos quando o outro não quer iniciar contatos sexuais.

### 4.3. Identificação do perfil

Em cada cenário apresentado, os participantes deveriam assinalar qual o seu papel (vítima ou perpetrador) na situação, sendo que estes não faziam referência ao género. O perpetrador ou vítima eram denominados como elemento 1 ou elemento 2, variando em cada cenário.

Foram calculados vários indicadores com base na resposta aos cenários, apresentados na tabela 4.1. A coerção identificada diz respeito à média de cenários identificados como sendo reais. Em média, cada pessoa assinalou 4,6 cenários como tendo ocorrido.

**Tabela 4.1.** Estatísticas descritivas sobre as medidas de coerção dos cenários

		<b>n</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Min</b>	<b>Max</b>
Coerção identificada	Homem	15	4.600	4.657	0.00	15.00
	Mulher	15	2.467	2.264	0.00	7.00
Vitimização	Homem	15	1.600	1.993	0.00	7.00
	Mulher	15	1.667	1.447	0.00	4.00
Perpetração	Homem	15	3.000	3.402	0.00	12.00
	Mulher	15	0.800	1.265	0.00	4.00
Tendência vitimização	Homem	15	7.800	5.784	1.00	17.00
	Mulher	15	2.467	1.685	1.00	6.00
Tendência perpetração	Homem	15	19.200	5.784	10.00	26.00
	Mulher	15	24.533	1.685	21.00	26.00

A vitimização e perpetração referem-se à média de identificação com a vítima ou o perpetrador no cenário. Enquanto homens e mulheres parecem ter a mesma representação média de vítima, os homens identificam-se mais com o papel de perpetrador do que as mulheres.

As questões foram também analisadas nas situações em que, não tendo acontecido, foi perguntado aos participantes qual o papel com que se identificariam, caso o cenário acontecesse. Neste caso, os homens aumentaram a identificação como vítimas e as mulheres como perpetradoras.

#### 4.4. Medidas de autorrelato

##### 4.4.1. Estatísticas descritivas das escalas por gênero

De modo a analisar os valores médios entre os gêneros em cada escala, realizou-se uma análise descritiva das três medidas, ilustrada na tabela 4.2.

**Tabela 4.2.** *Estatísticas descritivas da Dark Tetrad, Agressividade-traço, Afetos Positivos e Negativos por Gênero*

		<b>n</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Min.</b>	<b>Max.</b>
Agressividade traço	Homem	15	2.416	0.738	1.483	3.966
	Mulher	15	2.099	0.660	1.310	4.069
Raiva	Homem	15	2.448	0.761	1.429	4.000
	Mulher	15	2.305	0.702	1.429	3.714
Agressão física	Homem	15	2.170	0.910	1.111	4.000
	Mulher	15	1.600	0.649	1.000	3.444
Hostilidade	Homem	15	2.567	0.763	1.375	4.125
	Mulher	15	2.317	0.836	1.125	4.875
Agressão verbal	Homem	15	2.573	0.736	1.200	3.800
	Mulher	15	2.360	0.764	1.200	4.400
Maquiavelismo	Homem	15	3.276	0.848	1.429	4.286
	Mulher	15	2.762	0.699	1.714	4.000
Narcisismo	Homem	15	3.181	0.671	1.857	4.000
	Mulher	15	2.743	0.662	1.571	4.286
Psicopatia	Homem	15	2.275	0.711	1.000	3.250
	Mulher	15	1.792	0.637	1.125	3.250
Sadismo	Homem	15	2.217	0.755	1.375	3.750

		<b>n</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Min.</b>	<b>Max.</b>
Afetos negativos	Mulher	15	1.475	0.328	1.000	2.125
	Homem	15	15.067	7.005	10.000	28.000
Afetos positivos	Mulher	15	11.467	2.850	10.000	19.000
	Homem	15	28.867	11.476	12.000	45.000
	Mulher	15	27.533	8.365	11.000	41.000

Para avaliar os comportamentos agressivos da amostra, aplicou-se o questionário *Bussy-Perry*, composto por cinco escalas no total. Na primeira escala, Agressividade-traço, os resultados demonstram que o género masculino (M=2.41; DP=0.74) apresenta valores médios superiores aos do género feminino (M=2.09; DP=0.66). Na escala da Raiva, verifica-se o mesmo cenário, onde os homens revelam valores médios M= 2.45 DP=0.76) superiores aos das mulheres (M=2.30 DP=0.70). Em relação à escala da Agressão Física, os valores médios do género masculino (M= 2.17; DP=0.91) são relativamente mais altos do que os do feminino (M=1.60; DP=0.65). Quanto à Hostilidade, os homens apresentam também médias (M= 2.56; DP=0.76) superiores às mulheres (M=2.31; 0.84). Na dimensão Agressão Verbal, os homens apresentam valores médios (M=2.57; DP=0.74) superiores ao das mulheres (M=2.36; DP=0.76).

Para a analisar os traços antagónicos da personalidade, utilizou-se o questionário *Dark-Tetrad*, composto por quatro escalas. Na primeira escala - Maquiavelismo-, os homens apresentam valores médios (M=3.28; DP=0.85) mais elevados do que as mulheres (M=2.76; DP=0.70). Na escala do Narcisismo, o cenário repete-se, onde o os homens (M= 3.18; DP=0.67) apresentam valores superiores ao das mulheres (M=2.74; DP=0.66). Na dimensão da Psicopatia, o género masculino (M=2.28; DP=0.71) apresenta valores médios bastante mais elevados do que os do género feminino (M=1.79; DP=0.64). O mesmo observou-se na escala do Sadismo, onde os homens (M=2.21, DP= 0.75) revelam médias bastante mais elevadas do que as mulheres (M= 1.48; DP= 0.33).

De modo a avaliar a experiência afetiva dos participantes utilizou-se a Escala Portuguesa de Afeto Positivo e Negativo (PANAS; Watson, et al., 1988, versão portuguesa de Galinha & Ribeiro, 2005) que divide a experiência afetiva em dois polos-afeto positivo (AP) e afeto negativo (NA). O género masculino, na escala dos Afetos Negativos, apresenta uma média de 15.067 (DP=7.005), superior ao do género feminino (M= 11.467; DP=2.850). Os homens apresentam também valores médios superiores

(M=28.867; DP= 11.476) aos das mulheres (M=27.533; DP=8.365) na escala dos Afetos Positivos.

#### 4.4.2. Comparação entre grupos independentes (género).

**Tabela 4.3.** *Teste de comparação de amostras independentes (género)*

	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	Dif. Médias	Erro padrão	95%IC para dif. médias		d de Cohen
						Inf	Sup	
Agressividade Total	1.241	28	0.225	0.317	0.256	- 0.206	0.841	0.453
Raiva	0.534	28	0.597	0.143	0.267	- 0.405	0.690	0.195
Agressão física	1.976	28	0.058	0.570	0.289	- 0.021	1.162	0.722
Hostilidade	0.856	28	0.399	0.250	0.292	- 0.349	0.849	0.312
Agressão verbal	0.779	28	0.443	0.213	0.274	- 0.348	0.775	0.284
Maquiavelismo	1.813	28	0.081	0.514	0.284	- 0.067	1.095	0.662
Narcisismo	1.800	28	0.083	0.438	0.243	- 0.060	0.937	0.657
Psicopatia	1.962	28	0.060	0.483	0.246	- 0.021	0.988	0.716
Sadismo	3.489	28	0.002 <sup>a</sup>	0.742	0.213	0.306	1.177	1.274
Afetos negativos	1.844	28	0.076 <sup>a</sup>	3.600	1.953	- 0.400	7.600	0.673
Afetos positivos	0.364	28	0.719 <sup>a</sup>	1.333	3.667	- 6.178	8.844	0.133

*Nota.* Teste T de Student.

<sup>a</sup> Teste de Levene é significativo ( $p < .05$ ), o que sugere uma violação da assunção da igualdade de variâncias.

A tabela 4.3. permite observar que os pares são similares em termos da expressão dos traços de agressividade, dos traços antagónicos de personalidade e da experiência de afetos positivos e negativos. Contudo, apesar de violar a assunção de

igualdade de variâncias, o Sadismo parece apresentar diferenças significativas, com o teste d de Cohen ( $d=1.274$ ) a mostrar uma magnitude forte para essa diferença.

### 4.4.3 Correlações por género

**Tabela 4.4.** *Correlações, por género*

Variável	r	Homens							Mulheres							
		1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Agressividade	r	—														
2. Maquiavelismo	r	.450	—													
3. Narcisismo	r	.426	.738 **	—												
4. Psicopatia	r	.470	.405	.580 *	—											
5. Sadismo	r	.059	-.106	-.180	-.134	—										
6. Afetos negativos	r	.477	.206	.040	.229	.0333	—									
7. Afetos positivos	r	-.016	.516 *	.500	.0857	-.243	.208	—								
8. Relacionamento	r	-.074	.015	-.324	.034	-.134	.404	.098	—							
1. Agressividade	r								—							
2. Maquiavelismo	r								.494	—						
3. Narcisismo	r								.533 *	.860 ***	—					
4. Psicopatia	r								.521 *	.701 **	.678 **	—				
5. Sadismo	r								.546 *	.541 *	.693 **	.650 **	—			
6. Afetos negativos	r								-.162	.090	-.109	.088	-.224	—		
7. Afetos positivos	r								-.623 *	-.152	-.364	-.385	-.276	.309	—	
8. Relacionamento	r								-.170	.279	.174	.318	-.051	.661 **	.075	—

\* p < .05, \*\* p < .01, \*\*\* p < .001

Para analisar a intensidade e direção da relação das variáveis em estudo, recorreu-se ao coeficiente de correlação de *Pearson*. Os valores das correlações entre o género e as diversas escalas encontram-se representadas na tabela 4.4. Nesta análise, foram excluídas as subdimensões da escala da Agressividade- *Bussy Perry* devido à ausência de correlações significativas e foi ainda incluindo o tempo de relacionamento.

Os resultados revelam que no género masculino, apenas a dimensão do maquiavelismo e do narcisismo se correlacionam fortemente ( $r=0.738$ ).

Em relação ao género feminino, observou-se que a dimensão do maquiavelismo correlaciona-se fortemente com narcisismo ( $r=0.860$ ) e com a psicopatia ( $r=0.701$ ), espelhando as correlações mais fortes deste grupo. De forma similar, mas não tão intensa, observa-se a existência de correlações positivas entre a dimensão do narcisismo com a psicopatia ( $r=0.678$ ) e com o sadismo ( $r=0.693$ ). A dimensão da psicopatia correlaciona-se moderadamente com o sadismo ( $r=0.650$ ). Ainda em relação ao género feminino, verifica-se a existência de uma relação positiva entre a dimensão dos afetos negativos e o tempo de relacionamento.

#### **4.4.4 Regressões Múltiplas**

O modelo de interdependência, pressupõe que determinadas características da personalidade, são interdependentes e contribuem para a expressão de comportamentos agressivos entre elementos do casal.

Para examinar a capacidade preditiva deste modelo e o contributo exercido pelos traços da personalidade, foram realizadas análises de regressão múltipla. Nesta análise incluiu-se o género como variável independente e o índice de agressividade, os traços da personalidade e os afetos, como variáveis dependentes.

**Tabela 4.5. Regressões lineares múltiplas**

Variável	Homem								Mulher							
	Vítima				Perpetuador				Vítima				Perpetuadora			
Mulher	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>	IC <sub>95%</sub>	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>	IC <sub>95%</sub>	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>	IC <sub>95%</sub>	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>	IC <sub>95%</sub>
Agressividade	-.101	-.265	.721	[-.535;.380]	.179	.658	>.05	[-.303;.568]	.089	.321	>.05	[-.375;.506]	.064	.233	>.05	[-.410;.508]
Maquiavelismo	-.345	-1.325	>.05	[-.658;.158]	.198	.729	>.05	[-.272;.548]	-.286	1.077	>.05	[-.201;.601]	.143	.523	>.05	[-.326;.534]
Narcisismo	-.358	-1.382	>.05	[-.701;.154]	.128	.465	>.05	[-.343;.531]	.474	1.943	.07	[-.039;.737]	.118	.420	>.05	[-.365;.545]
Psicopatia	<b>-.498</b>	<b>-2.073</b>	<b>.049</b>	<b>[-.811;.017]</b>	.077	.277	>.05	[-.399;.517]	.164	.600	>.05	[-.327;.579]	-.084	-.303	>.05	[-.542;.409]
Sadismo	-.228	-.845	>.05	[-1.25;.548]	.223	.824	>.05	[-.537;1.19]	<b>.557</b>	<b>2.419</b>	<b>.031</b>	<b>[-.089;1.567]</b>	.228	.845	>.05	[-.548;1.25]
Afetos Neg.	-.010	-.036	>.05	[-.108;.105]	.377	1.466	>.05	[-.031;.160]	.120	.435	>.05	[-.081;.122]	.356	1.373	>.05	[-.036;.163]
Afetos Pos.	-.047	-.170	>.05	[-.039;.033]	-.023	-.084	>.05	[-.036;.034]	-.181	-.663	>.05	[-.045;.024]	.081	.292	>.05	[-.031;.041]
Homem	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>	IC <sub>95%</sub>	B	<i>t</i>	<i>p</i>	IC <sub>95%</sub>	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>	IC <sub>95%</sub>	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>	IC <sub>95%</sub>
Agressividade	.352	1.356	.198	[-.143;.626]	<b>.721</b>	<b>3.753</b>	<b>.002</b>	<b>[-.202;.750]</b>	.460	1.866	.08	[-.048;.655]	.207	.762	>.05	[-.261;.544]
Maquiavelismo	.014	.051	.960	[-.349;.367]	.361	1.394	>.05	[-.114;.529]	-.255	-.952	>.05	[-.480;.186]	-.016	-.057	>.05	[-.368;.384]
Narcisismo	.077	.280	>.05	[-.394;.511]	.165	.605	>.05	[-.310;.551]	-.488	-2.017	.060	[-.737;.025]	-.260	-.972	>.05	[-.635;.241]
Psicopatia	.178	.652	>.05	[-.294;.548]	<b>.540</b>	<b>2.312</b>	<b>.038</b>	<b>[-.024;.717]</b>	-.103	-.373	>.05	[-.480;.339]	.018	.066	>.05	[-.415;.441]
Sadismo	.124	.452	>.05	[-.316;.483]	.040	.145	>.05	[-.361;.431]	.211	.778	>.05	[-.242;.515]	.270	1.010	>.05	[-.207;.569]
Afetos Neg.	-.52	-.189	>.05	[-.047;.040]	<b>.509</b>	<b>2.129</b>	<b>.049</b>	<b>[-.001;.07]</b>	.341	1.309	>.05	[-.015;.063]	.233	.865	>.05	[-.025;.059]
Afetos Pos.	-.427	-1.703	.12	[-.043;.005]	.043	.153	>.05	[-.024;.027]	-.492	-2.044	.060	[-.043;.001]	-.346	-1.33	>.05	[-.040;.010]

Nota: IC a 95% para coeficientes não estandardizados

Na tabela 4.5, estão representadas as características prévias ao comportamento coercivo como o índice de agressividade, os traços de personalidade e os afetos, quando homens e mulheres, assumem o papel de vítima e/ou perpetrador.

Os traços de personalidade e os afetos positivos parecem demonstrar poder explicativo face à perpetração e vitimização. Nos homens, a agressividade e os afetos negativos (do próprio) contribuem para perpetração, enquanto nas mulheres o Sadismo revela poder explicativo na sua vitimização. A dimensão da psicopatia espelha uma relação de interdependência entre as díades. Se por um lado a psicopatia do homem contribui para a perpetração, por outro lado a psicopatia da mulher contribui para a vitimização do homem, ou seja, este traço influencia não só o comportamento do próprio como também o comportamento do parceiro.

## **5. Discussão**

A presente investigação teve com objetivo principal estudar a relação entre os comportamentos coercivos e os traços de personalidade sombrios, numa perspetiva de casal, utilizando como base explicativa, o modelo de interdependência.

Para estudo desta relação, procuramos medir a coerção sexual através de duas formas distintas. Na primeira forma, os participantes foram questionados diretamente acerca da existência de comportamentos coercitivos na relação de intimidade.

A partir da revisão da literatura esperávamos que a prevalência destes comportamentos fosse elevada. No entanto, as respostas às questões diretas sobre a coerção sexual contrariam o esperado. A maioria dos participantes (92.1%) considera que o seu parceiro nunca o coagiu ou forçou a fazer algo que não desejava apesar de mais de metade (68.4%) ter cedido aos avanços sexuais do parceiro, mesmo que inicialmente não fosse essa a sua vontade. Esta mudança de posição acerca dos avanços sexuais do parceiro levanta algumas questões.

Em primeiro lugar, podemos supor que é possível que tenha existido algum tipo de pressão psicológica que conseqüentemente conduziu a um ato sexual inicialmente não consentido, que por si só, já figura um tipo de coerção sexual. Raghavan et al. (2015) referem que um dos tipos de estratégias coercivas utilizadas é a pressão

psicológica e manipulação emocional, que muitas vezes culminam em relações sexuais não consentidas (Araujo,2017). É possível que estes resultados estejam também relacionados com a questão do respeito pelos limites do parceiro na relação de intimidade. Um estudo recente realizado por Hadjicharalambous e Sisco (2016) corrobora esta hipótese, onde se verificou que aproximadamente 80% dos homens e mulheres não respeitaram, de alguma forma, os limites do parceiro.

A segunda questão refere-se à consciencialização existente acerca da coerção sexual. A literatura empírica suporta a ideia de que o desconhecimento acerca da coerção sexual, pode comprometer os dados relativos à prevalência deste fenómeno por diversos motivos. Tem-se observado uma tendência para a generalização e desvalorização de atos sexuais indesejados de menor gravidade. Muitas vezes, estes comportamentos, apesar de figurarem um tipo de coerção sexual mais subtil, são percecionadas como avanços sexuais e não como atos sexualmente agressivos (Mendes et al., 2013). Para além disso, as crenças legitimadoras parecem desempenhar um papel fulcral uma vez que os comportamentos sexualmente agressivos são negados, justificados (Pérez et al., 2006; Schechory & Idisis, 2006) ou considerados passageiros (Dixie et al., 2010; Manuel, 2014). Estas contribuem para a normalização da coerção sexual (Caridade, 2011), impossibilitando uma possível denúncia (Mendes et al., 2013).

No que concerne às quatro questões diretas acerca da ocorrência da coerção sexual, apenas a quarta questão apresentou uma associação entre a vitimização do homem e a coerção sexual psicológica - *“Alguma vez sentiu ameaças ou chantagem por parte do/a seu/sua parceiro/a, com vista a conseguir algo de si?”* Este resultado permite-nos constatar que apesar dos estudos se focarem maioritariamente na coerção sexual exercida sob a mulher, os homens também figuram como vítimas para este tipo de comportamento. Diversos autores defendem que é possível observar de forma consistente a perpetração de violência em ambos géneros, onde as relações são pautadas por trocas mútuas de agressões, contradizendo a ideia de agressão unilateral homem-mulher (Machado et al., 2003; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004)

A segunda forma de análise da coerção sexual envolveu a análise da frequência por cenário. Os participantes deveriam assinalar se já tinham experienciado a situação, qual o seu papel e o desfecho da mesma num grau crescente de agressão. As diversas situações remetiam-nos para comportamentos clássicos agressivos dentro do espectro da coerção sexual.

De uma forma geral, a análise permitiu concluir que apenas quatro cenários evidenciaram elevada ocorrência de coerção sexual – o D, o O e o W. Estes estão associados a estratégias coercivas apontadas na literatura como sendo frequentemente utilizadas para obtenção de sexo, como o toque persistente (cenário D) (Raghavan et al., 2015; Benbouriche & Parent 2018), intoxicação por álcool (cenário O) (Benbouriche & Parent, 2018) e chatagem/manipulação emocional (cenário W) (Kernsmith & Kernsmith, 2009; Raghavan et al., 2015). Estes dados demonstram ser consonantes com o de outros estudos, sugerindo que existem estratégias específicas que são recorrentemente utilizadas para obtenção de sexo sem consentimento.

A amostra constituiu-se por uma população acessível ao investigador que não foi especificamente selecionada para estudo da violência sexual. Ainda assim, é possível verificar a considerável frequência dos cenários assinalados, com uma média de 4.6 por pessoa. O facto de a amostra não constituir uma população com historial prévio de violência sexual poderá ter condicionado os resultados, no sentido que populações com este tipo de historial provavelmente apresentariam frequências de cenários assinalados mais elevadas. Como proposta de investigações futuras, sugerimos a realização de estudos com populações que apresentem estas características, possibilitando assim uma análise mais pormenorizado da frequência da coerção sexual.

Relativamente à coerção identificada por género, os resultados são consonantes com a literatura empírica, onde os homens são referenciados como tendo um perfil de perpetração superior ao das mulheres (Doroszewicz & Forbes, 2008; Gaspar, 2017; Gross et al., 2006). Porém, ambos os géneros apresentarem médias de vitimização semelhantes sugerindo que embora as mulheres sejam tendencialmente mais vitimizadas, os homens também figuram como alvo deste comportamento. Quanto à análise dos cenários no contexto hipotético, os homens revelaram uma maior identificação como vítimas e as mulheres como perpetradoras. Estes resultados levam-nos a refletir acerca da existência de perfis mistos em que ambos os géneros podem assumir condutas coercitivas e agir simultaneamente como vítimas e/ou agressores (McDemott et al., 2017; Oswalds & Russel, 2006; Scarduzio et al., 2016). Este padrão de condutas coercitivas parece funcionar como um processo dinâmico sugerindo que a coerção sexual não é um fenómeno unilateral.

A comparação entre géneros no que diz respeito aos traços de agressividade, aos traços antagónicos de personalidade e à experiência de afetos positivos e negativos

conduziu a resultados similares, à exceção do Sadismo, que revelou diferenças significativas. Estes resultados espelham uma discrepância na expressão deste traço, em que os homens mostraram ser mais sádicos do que as mulheres com pontuações médias bastante mais elevadas, o que é suportado pela literatura empírica (Kowalski et al., 2020; Plouffe et al., 2017).

A análise das regressões múltiplas do Modelo de Interdependência autor-parceiro, permitiu verificar que os nossos resultados são parcialmente suportados pela literatura empírica, apesar de serem poucas as relações explicativas estatisticamente significativas. A única dimensão, em ambos os géneros, que revelou o seu potencial de interdependência foi a psicopatia. O mesmo traço exibido por parceiros diferentes, revelou contribuir para a expressão de comportamentos coercitivos, quer seja ao nível da perpetuação como ao nível da vitimização. No entanto, outras dimensões revelaram contribuir isoladamente para a perpetuação ou vitimização.

. Enquanto as condutas sexuais violentas são mais facilmente avaliadas, as condutas coercitivas são mais subtis e, portanto, difíceis de avaliar como sendo comportamentos agressivos, apesar de o serem. Embora não sejam equivalentes, é possível que exista um *continuum* entre ambos pois apesar de não representarem o mesmo tipo de comportamento, têm em comum a sua natureza agressiva

A literatura empírica suporta o potencial explicativo da agressividade dos homens na perpetuação, salientando a relação entre elevados níveis de agressividade e condutas violentas (Bettencourt et al., 2006). A agressividade-traço tem também vindo a ser referenciada como responsável por respostas agressivas, não só em relação ao parceiro, mas também em relação a terceiros, especialmente no que diz respeito ao género masculino (Tremblay et al., 2007). Para além disso, outros estudos salientam o contributo exercido por determinados traços de personalidade na expressão de comportamentos agressivos, em particular condutas sexuais violentas (DeGue & DiLillo, 2005; Muñoz, et al., 2011; Voller & Long, 2010).

A dimensão da psicopatia revelou também contribuir para a perpetração do género masculino, o que era expectável. As evidências empíricas sobre o tema suportam os nossos dados e demonstram que altos níveis de psicopatia relacionam-se com a perpetração e utilização de táticas de coerção sexual mais violentas (Kreis & Cooker, 2011), espelhando a relação entre o traço da psicopatia e a perpetração de coerção sexual (Hoffman & Verona 2018; Centifanti et al., 2016; Hoffmann & Verona, 2018).

Os afetos negativos também demonstraram desempenhar um papel relevante na perpetração do género masculino. Estes caracterizam-se por vivências que incluem sentimentos como a raiva, ansiedade e hostilidade (Moffitt et al., 2001) e estão referenciados como sendo antecedentes que aumentam a probabilidade de expressão de comportamentos agressivos entre elementos do casal (McNulty & Hellmuth, 2008; Birkley & Eckhardt, 2015; Finkel 2015). Portanto, os nossos dados parecem ser congruentes com o de estudos anteriores que suportam a premissa de que a vivência de tais emoções contribui em parte para a expressão de comportamentos agressivos entre elementos do casal.

De um modo geral, podemos afirmar que estas três dimensões revelaram ser variáveis explicativas da perpetração do género masculino e que indivíduos com pontuações elevadas nestas dimensões espelham comportamentos agressivos e coercivos com o seu parceiro.

Quanto aos resultados referentes à vitimização do homem, a única variável que demonstrou potencial explicativo foi a psicopatia da mulher. Se por um lado, a psicopatia dos homens demonstrou contribuir para a perpetração do mesmo, por outro lado a psicopatia da mulher parece contribuir para a vitimização do homem, ou seja, o mesmo traço parece influenciar não só o comportamento individual, mas também o comportamento do outro. O mesmo indivíduo que apresente características deste traço, pode agir simultaneamente como vítima e agressor, sugerindo a existência de uma relação de interdependência na expressão de comportamentos agressivos.

Apesar da psicopatia ser referenciada como uma característica que se relaciona com a perpetração em ambos os géneros (Centifanti et al., 2016; Hoffmann & Verona, 2018; Muñoz et al., 201), a expressão destes comportamentos agressivos apresenta variações especialmente no que diz respeito às táticas coercivas utilizadas. As mulheres tendencialmente optam por comportamentos congruentes com o seu género como táticas

de cariz subtil, manipulador e sedutor (Verona & Vitale, 2018), enquanto os homens se cingem a táticas mais violentas (Kreis & Cooke, 2011).

Quanto à dimensão do sadismo da mulher, verificou-se que contribui para a sua própria vitimização, o que contrairia as investigações neste âmbito que salientam que este traço tem vindo a ser associado a condutas direcionadas para causar sofrimento e dor a outrem, seja a nível físico, sexual ou psicológico. O indivíduo obtém prazer com estes comportamentos, ou seja, age como um agressor e obtém satisfação pessoal com isso (O'Meara, et al., 2011). Neste sentido, seria expectável que este traço estivesse associado com a perpetração por se tratar de uma dimensão de cariz agressivo e antissocial (Camilleri et al., 2009), o que não se verificou. Contudo, acreditamos que existem alguns dados que podem explicar em parte este resultado. Considerando a definição de sadismo e sua associação a determinadas condutas - preferência por comportamentos de escravidão/disciplina, submissão/domínio e sadomasoquismo - os indivíduos sádicos poderão retirar prazer sexual tanto com o sofrimento do outro, como com o seu próprio sofrimento. (Hébert & Weaver, 2014; Richters et al., 2008), fornecendo uma hipótese explicativa do papel deste traço na vitimização da mulher.

## **6. Limitações**

Neste ponto, será realizada uma reflexão das limitações do estudo e serão salientados alguns aspetos que consideramos relevantes considerar na realização de investigações futuras.

Em primeiro lugar, pretendemos destacar limitações ao nível da metodologia. A amostra, de dimensão reduzida, comprometeu o estudo pois não permitiu assegurar a representatividade da população (Loureiro & Gameiro, 2011). Em estudos futuros, sugerimos que se considere o tamanho do grupo amostral de forma a possibilitar uma descrição mais precisa e real da população portuguesa. Para além disso, a recolha de uma amostra com maior dimensão seria relevante quer ao nível da generalização dos dados, quer ao nível de um estudo confirmatório do modelo para avaliar se este cruzamento de relações se estabelece.

A discrepância existente entre os participantes dos diferentes géneros constitui também uma limitação, pois o número de mulheres é bastante mais elevado, o que não permite que a amostra seja equitativa.

Ao nível do procedimento de recolha de dados (*self-report*), existem também algumas limitações. Apesar de ser um procedimento usualmente utilizado em psicologia, não garante que haja uma correspondência exata entre o comportamento real e o verbalizado (Khlendorf & Junior, 2009). É possível que os participantes tenham respondido conforme a resposta socialmente desejável (Paulhus & Vazire, 2007), o que pode ter condicionado os resultados. Para estudos futuros, seria pertinente replicar estes resultados, utilizando outros procedimentos combinados, de modo que se obtenha medidas complementares mais fiáveis sobre o fenómeno em causa.

Em relação aos cenários de coerção sexual, salientamos a questão do extenso número que poderá ser sido exaustivo e ter culminado em desatenção na resposta às perguntas e, portanto, sugerimos que se invista numa redução do mesmo.

Os cenários exigem uma retrospeção de experiências passadas e, portanto, é possível que existam falsas memórias ou recordações não muito precisas da experiência, que as memórias sejam traumáticas e de difícil recordação pelo carácter sensível do tema e que as vítimas não queiram assumir que experienciaram uma situação de violência, o que poderá ter comprometido os resultados.

## **7. Considerações Finais**

A presente investigação contribui para reforçar a ideia de que a coerção sexual é um comportamento violento que ocorre com frequência nas relações de intimidade. Apesar disso, constatamos que existe uma discrepância entre as respostas fornecidas acerca das questões diretas de coerção sexual e as respostas dos cenários. Se por um lado, inicialmente os participantes referiram que o seu parceiro nunca o coagiu do ponto de vista sexual, por outro lado assinalaram a ocorrência de determinados cenários. Tal parece sugerir que se conformaram com a insistência do parceiro e que provavelmente não possuem conhecimento acerca do que é efetivamente um comportamento sexualmente agressivo, desconhecendo que figuram como alvo deste tipo de violência.

Este tipo de violência envolve a utilização de táticas coercivas específicas, que podem variar consoante o género. São referenciadas na literatura empírica como sendo tipicamente utilizadas no contexto da coerção sexual e das relações de intimidade, como a intoxicação por álcool, insistência para contato sexual e insistência para o envio de fotos sexuais.

Relativamente à identificação do perfil, o género masculino identifica-se mais com o perfil de perpetrador apesar de ambos revelarem a mesma representação média de vítima. Ao nível hipotético, o cenário muda uma vez que os homens se identificaram mais com o papel de vítimas e as mulheres com o de perpetradoras.

Os dados contribuíram também para reforçar a assunção de que a violência sexual entre parceiros íntimos, é um fenómeno dinâmico caracterizado por trocas mútuas de agressões, onde um só indivíduo pode agir como perpetrador e vítima.

Em relação ao modelo de interdependência autor-parceiro, a agressividade e os afetos negativos revelaram contribuir para a perpetração do homem enquanto o sadismo da mulher contribui para a vitimização da mesma. A psicopatia revelou influenciar não só o comportamento individual como também o comportamento do outro. No homem contribuiu para a perpetração e na mulher contribui para a vitimização do homem, sugerindo a interdependência deste traço na expressão de comportamentos sexualmente agressivos.

Consideramos que o presente estudo forneceu o seu contributo no que diz respeito à identificação de traços de personalidade associados à ocorrência de coerção sexual que permitiu contribuir para o que se pode entender como perfil de perpetrador e/ou vítima e reforçar a ideia de uma relação de interdependência entre esses traços e a ocorrência coerção sexual.

## 8. Referências bibliográficas

- Allen, J. J., & Anderson, C. A. (2017). General aggression model. *The international encyclopedia of media effects*, 1-15. doi: 0.1002/9781118783764.wbieme0078
- Allroggen, M., Rassenhofer, M., Witt, A., Plener, P. L., Brähler, E., & Fegert, J. M. (2016). The prevalence of sexual violence: Results from a population-based sample. *Deutsches Ärzteblatt International*, 113(7), 107. doi: 10.3238%2Farztebl.2016.0107
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual review of psychology*, 53(1), 27-51 .doi: 10.1146/annurev.psych.53.100901.135231
- Anderson, P. B., Kontos, A. P., Tanigoshi, H., & Struckman-Johnson, C. (2005). An examination of sexual strategies used by urban southern and rural Midwestern university women. *Journal of sex research*, 42(4), 335-341. doi: 10.1080/00224490509552289.
- Anderson, L. A., & Whiston, S. C. (2005). Sexual assault education programs: A meta-analytic examination of their effectiveness. *Psychology of Women Quarterly*, 29(4), 374-388. doi: 1471-6402.2005.00237.x
- Archer, J. (2004). Sex differences in aggression in real-world settings: A meta-analytic review. *Review of general Psychology*, 8(4), 291-322. doi: 10.1037%2F1089-2680.8.4.291
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2019). Estatísticas APAV: Relatório Anual 2019. [https://www.apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/Estatisticas\\_APAV-2019](https://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV-2019).
- Baptista, N. J. M. (2008). Teorias da personalidade. *ISMAI. Portugal*.

- Barroso, R. (2017). Violência sexual em Portugal: em que ponto estamos? *Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica*.
- Basile, K. C. (1999). Rape by acquiescence: The ways in which women “give in” to unwanted sex with their husbands. *Violence Against Women, 5*(9), 1036-1058. doi: 10.1177/1077801299005009004
- Baughman, H. M., Dearing, S., Giammarco, E., & Vernon, P. A. (2012). Relationships between bullying behaviours and the Dark Triad: A study with adults. *Personality and Individual Differences, 52*(5), 571-575. doi: 10.1016/j.paid.2011.11.020
- Baumeister, R. F., Catanese, K. R., & Wallace, H. M. (2002). Conquest by force: A narcissistic reactance theory of rape and sexual coercion. *Review of general psychology, 6*(1), 92-135. doi: 10.1037/1089-2680.6.1.92
- Bettencourt, B., Talley, A., Benjamin, A. J., & Valentine, J. (2006). Personality and aggressive behavior under provoking and neutral conditions: a meta-analytic review. *Psychological bulletin, 132*(5), 751. doi: 10.1037/0033-2909.132.5.751
- Birkley, E. L., & Eckhardt, C. I. (2015). Anger, hostility, internalizing negative emotions, and intimate partner violence perpetration: A meta-analytic review. *Clinical psychology review, 37*, 40-56.
- Björkqvist, K. (2018). Gender differences in aggression. *Current Opinion in Psychology, 19*, 39-42. doi:10.1016/j.copsyc.2017.03.030
- Brecklin, L. R., & Forde, D. R. (2001). A meta-analysis of rape education programs. *Violence and victims, 16*(3), 303-321. doi: 10.1891/0886-6708.16.3.303
- Brecklin, L. R., & Ullman, S. E. (2005). Self-defense or assertiveness training and women’s responses to sexual attacks. *Journal of interpersonal violence, 20*(6), 738-762. doi: 10.1177/0886260504272894

- Buckels, E. E., Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2013). Behavioral confirmation of everyday sadism. *Psychological science*, *24*(11), 2201-2209. doi: 10.1177/0956797613490749
- Bushman, B. J., Bonacci, A. M., Van Dijk, M., & Baumeister, R. F. (2003). Narcissism, sexual refusal, and aggression: Testing a narcissistic reactance model of sexual coercion. *Journal of personality and social psychology*, *84*(5), 1027. doi: /10.1037/0022-3514.84.5.1027
- Camilleri, J. A., Quinsey, V. L., & Tapscott, J. L. (2009). Assessing the Propensity for Sexual Coaxing and Coercion in Relationships: Factor Structure, Reliability, and Validity of the Tactics to Obtain Sex Scale. *Archives of Sexual Behaviour*, *38*, 959-973. doi: 10.1007/s10508-008-9377-2
- Campbell, L., Simpson, J. A., Kashy, D. A., & Rholes, W. S. (2001). Attachment orientations, dependence, and behavior in a stressful situation: An application of the Actor-Partner Interdependence Model. *Journal of Social and Personal Relationships*, *18*(6), 821-843. doi: 10.1177/0265407501186005
- Campbell, W. K., Bush, C. P., Brunell, A. B., & Shelton, J. (2005). Understanding the social costs of narcissism: The case of the tragedy of the commons. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *31*(10), 1358-1368. doi: 10.1177/0146167205274855
- Caprara, G. V. (1987). The disposition-situation debate and research on aggression. *European Journal of personality*, *1*(1), 1-16. doi: 10.1002/2Fper.2410010103
- Caridade, S. (2011). *Vivências Amorosas Violentas: Uma abordagem Científica*. Almedina.

- Carvalho, A. F., Lewis, R.J., Derlega, V. J., Winstead, B. A., & Viggiano, C. (2011). Internalize sexual minority stressors and same-sex intimate partner violence. *Journal of Family Violence, 26* (7), 501-509. doi:10.1007/s10896-011-9384-2
- Centifanti, L. C.M., Thomson, N.D., & Kwork, A.H. (2016). Identifying the Manipulative Mating Methods Associated with Psychopathic Traits and BPD Features. *Journal of Personality Disorders, 30* (6), 721-741. doi: 10.1521/pedi\_2015\_29\_225
- Cook, W. L., & Kenny, D. A. (2005). The actor-partner interdependence model: A model of bidirectional effects in developmental studies. *International Journal of Behavioral Development, 29*(2), 101-109. doi: 10.1080/01650250444000405
- Costa, M. E., & Duarte, C. (2000). *Violência Familiar*. Porto: Âmbar
- Crane, C. A., Testa, M., Derrick, J. L., & Leonard, K. E. (2014). Daily associations among self-control, heavy episodic drinking, and relationship functioning: An examination of actor and partner effects. *Aggressive behavior, 40*(5), 440-450. doi: 10.1002/ab.21533
- D'Amico, S. M., & Monteiro, J. K. (2012). Características de personalidade e qualidade de vida de gestores no Rio Grande do Sul. *Revista de Administração Contemporânea, 16*(3), 381-396. doi: 10.1590/S1415-65552012000300004
- DeGue, S., & DiLillo, D. (2005). "You would if you loved me": Toward an improved conceptual and etiological understanding of nonphysical male sexual coercion. *Aggression and Violent Behavior, 10*(4), 513-532. doi: 10.1016/j.avb.2004.09.001
- De Visser, R. O., Rissel, C. E., Richters, J., & Smith, A. M. (2007). The impact of sexual coercion on psychological, physical, and sexual well-being in a

representative sample of Australian women. *Archives of sexual behavior*, 36(5), 676-686. doi: 10.1007/s10508-006-9129-0

DeWall, C.N., Anderson, C.A., Bushman, B.J. (Eds.). (2013). *Handbook of Psychology*. Vol. 5. Agression. New York: Wiley.

Dickson, D. J., Richmond, A. D., Brendgen, M., Vitaro, F., Laursen, B., Dionne, G., & Boivin, M. (2015). Aggression can be contagious: Longitudinal associations between proactive aggression and reactive aggression among young twins. *Aggressive behavior*, 41(5), 455-466. doi: 10.1002/ab.21582

Dixe, M. D. A., Rodrigues, A. L., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2010). A violência de gênero na relação de namoro em estudantes do ensino superior: práticas e comportamentos de violência. doi: 10400.8/334

Doroszewicz, K., & Forbes, G. B. (2008). Experiences with dating aggression and sexual coercion among Polish college students. *Journal of interpersonal violence*, 23(1), 58-73. doi: 10.1177/0886260507307651

D'Souza, M. F., & Lima, G. A. S. F. (2014). Taxonomia do Dark Triad: revelações da rede científica no meio organizacional. In *Anais do Congresso USP de Controladoria e Contabilidade*. doi: 142014/327

D'Souza, M., & Lima, G. A. S. F. D. (2015). The dark side of power: The dark triad in opportunistic decision-making. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, São Paulo, 8(2), 135-156. doi: 10.14392/asaa.2015080201

Eurobarometer, S. (2006). Gender-based Violence. European Commission. doi: 10.2838/009088

- Filho, N., Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2012). Psicopatia: uma perspectiva dimensional e não-criminosa do construto. *Avances en psicología latinoamericana*, 30(2), 317-372. doi: 2013-36831-008
- Finkel, E. J. (2007). Impelling and inhibiting forces in the perpetration of intimate partner violence. *Review of general psychology*, 11(2), 193-207.
- Forouzan, E., & Cooke, D. J. (2005). Figuring out la femme fatale: Conceptual and assessment issues concerning psychopathy in females. *Behavioral sciences & the law*, 23(6), 765-778. doi: 10.1002/bsl.669
- Furnham, A., Richards, S. C., & Paulhus, D. L. (2013). The Dark Triad of personality: A 10 year review. *Social and personality psychology compass*, 7(3), 199-216. doi: 10.1111/spc3.12018
- Gaspar, T. M. B. D. M. (2017). Violação masculina versus feminina: efeitos na resposta emocional subjetiva e psicofisiológica numa amostra feminina (Publicação No. 201909723) [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Científico Lusófona.
- Gidycz, C. A., Warkentin, J. B., & Orchowski, L. M. (2007). Predictors of perpetration of verbal, physical, and sexual violence: A prospective analysis of college men. *Psychology of men & masculinity*, 8(2), 79. doi:10.1037/1524-9220.8.2.79
- Goetz, A.T., & Shackelford, T. K. (2009). Sexual Coercion in Intimate Relationships: A Comparative Analysis of the Effects of Womens'2 Infidelity and Men's Dominance and Control. *Arch Sex Behaviour*, 38, 226-234. doi: 10.1007/s10508-008-9353-x

- Gross, A. M., Winslett, A., Roberts, M., & Gohm, C. L. (2006). An examination of sexual violence against college women. *Violence against women, 12*(3), 288-300. doi: 10.1177/2F1077801205277358
- Guimarães, N. M., & Pasian, S. R. (2006). Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. *Psicologia em Estudo, 11*(1), 89-97. doi: 10.1590/S1413-73722006000100011
- Hadjicharalambous, I., & Sisco, M. (2016). Verbal Sexual Coercion among a US College Sample: Patterns of sexual boundary violations and predictive factors. *Journal of European Psychology Students, 7*(1), 34-42. doi: 10.5334/jeps.364
- Harvey, A., Garcia-Moreno, C., & Butchart, A. (2007). Primary prevention of intimate partner violence and sexual violence: Background paper for WHO expert meeting May 2-3, 2007. Geneva: World Health Organization, Department of Violence and Injury Prevention and Disability, 2007.
- Hébert, A., & Weaver, A. (2014). An examination of personality characteristics associated with BDSM orientations. *The Canadian Journal of Human Sexuality, 23*(2), 106-115. doi: 10.3138/cjhs.2467
- Hoffmann, A. M., & Verona, E. (2021). Psychopathic traits and sexual coercion against relationship partners in men and women. *Journal of interpersonal violence, 36*(3-4). doi: 10.1177/0886260518754873
- Hurlbert, D. F., Apt, C., Gasar, S., Wilson, N. E., & Murphy, Y. (1994). Sexual narcissism: A validation study. *Journal of Sex & Marital Therapy, 20*(1), 24-34. doi: 10.1080/00926239408403414

- Jonason, P. K., & Webster, G. D. (2010). The dirty dozen: a concise measure of the dark triad. *Psychological assessment*, 22(2), 420. doi: 10.1037/a0019265
- Jones, S. E., Miller, J. D., & Lynam, D. R. (2011). Personality, antisocial behavior, and aggression: A meta-analytic review. *Journal of Criminal Justice*, 39(4), 329-337.
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2014). Introducing the short dark triad (SD3) a brief measure of dark personality traits. *Assessment*, 21(1), 28-41. doi: 10.1177/1073191113514105
- Langhinrichsen-Rohling, J., Misra, T. A., Selwyn, C., & Rohling, M. L. (2012). Rates of bidirectional versus unidirectional intimate partner violence across samples, sexual orientations, and race/ethnicities: A comprehensive review. *Partner Abuse*, 3(2), 199-230. doi: 10.1891/1946-6560.3.2.199
- Livingston J. A., Buddie, A. M., Testa, M., & VanZile-Tamsen C. (2004) The role of sexual precedence in verbal sexual coercion. *Psychology of Women Quarterly*. 28, 287–297. doi:10.1111/j.1471-6402.2004.00146.x
- Loureiro, J., & Gameiro, M. G. H. (2011). Interpretação crítica dos resultados estatísticos: para lá da significância estatística. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(3), 151-162. doi: 10.12707/RIII1009
- Larsen, R. J., Buss, D. M., Wismeijer, A., Song, J., & van den Berg, S. (2005). Personality psychology: Domains of knowledge about human nature.
- Lysova, A. V. (2007). Dating violence in Russia. *Russian Education & Society*, 49(4), 43-59. doi: 10.2753/RES1060-9393490403
- Malamuth, N.M. (2003). Criminal and noncriminal sexual aggressors: integrating psychopathy in a hierarchical-mediational confluence model. *Annals of the New*

York Academy of Sciences, 989(1), 33-58. doi: 10.1111/j.1749-6632.2003.tb07292.x

Manuel, S. C. G. (2014). A violência no namoro entre jovens adultos.(Publicação No. 201382784) [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto U.Porto.

Marshall, M. A., & Brown, J. D. (2006). Trait aggressiveness and situational provocation: A test of the traits as situational sensitivities (TASS) model. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(8), 1100-1113. doi: 10.1177/0146167206295191

Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de crenças sobre violência sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 30(1/2), 177-191. doi: 10.14417/ap.546

Martins, S.M.C. (2012). Vitimização e Perpetração Sexual em Jovens Adultos: da Caracterização da Prevalência às Atitudes. (Publicação No. 101253702) [Tese de Doutoramento, Universidade do Minho]. RepositórioUM doi: 1822/24405

Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M.J. (2006). Prevenção da Violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55-75. doi

McAdams, D.P. (Eds). (2000). *Encyclopedia of Psychology: Vol. 6. Personality Psychology*. Personality Psychology. American Psychological Association. doi: 10.1007/978-3-319-28099-8\_2229-

McAdams, D. P., & Pals, J. L. (2006). A new Big Five: fundamental principles for an integrative science of personality. *American psychologist*, 61(3), 204. doi:.1037/0003-066X.61.3.204

- McDermott, R. C., Naylor, P.D., McKelvey, D., & Kantra, L. (2017). College men's and women's masculine gender role strain and dating violence acceptance attitudes: testing sex as a moderator. *Psychology of Men and Masculinity*, 18(2), 99-111. doi: 10.1037/men0000044
- McNulty, J. K., & Hellmuth, J. C. (2008). Emotion regulation and intimate partner violence in newlyweds. *Journal of family psychology*, 22(5), 794.
- Mendes, J. M., Duarte, M., Araújo, P., & Lopes, R. (2013). Violência e relações de intimidade no ensino superior em Portugal: representações e práticas. *Teoria & Sociedade*, 21(2), 87-112. doi: 10316/36367
- Miller, J. D., Widiger, T. A., & Campbell, W. K. (2010). Narcissistic personality disorder and the DSM-V. *Journal of Abnormal Psychology*, 119(4), 640. doi: 10.1037/a0019344-001
- Miller, J. D., Gentile, B., & Campbell, W. K. (2013). A test of the construct validity of the Five-Factor Narcissism Inventory. *Journal of Personality Assessment*, 95(4), 377-387. doi: 10.1080/00223891.2012.742903
- Miller, J. D., & Lynam, D. R. (2015). Understanding psychopathy using the basic elements of personality. *Social and Personality Psychology Compass*, 9(5), 223-237. doi: 10.1111/spc3.12170
- Moffitt, E.E., Caspi, A., Rutter, M., & Silva, P.A. (2001). Differences in antisocial behaviour: conduct disorder, delinquency, and violence in the Dunedin longitudinal study (1st ed.). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511490057>
- Mota, J.R.S. (2020). A capa negra do amor: a importância do gênero na percepção da violência sexual nas relações amorosas entre estudantes universitários. (Publicação

No. 202451275) [Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora]. Repositório Universidade de Évora.

Muñoz, L., Khan, R., & Cordwell, L. (2011). Sexually coercive tactics used by university students: a clear role for primary psychopathy. *Journal of Personality disorders*, 25(1), 28-40. doi: 10.1521/pedi.2011.25.1.28

Najman, J. M., Dunne, M. P., Purdie, D. M., Boyle, F. M., & Coxeter, P. D. (2005). Sexual abuse in childhood and sexual dysfunction in adulthood: An Australian population-based study. *Archives of sexual behavior*, 34(5), 517-526. doi: 10.1007/s10508-005-6277-6

Naragon-Gainey, K., & Watson, D. (2019). Positive affectivity: The disposition to experience positive emotional states. *The Oxford Handbook of Positive Psychology*. Oxford. doi: 10.1093/oxfordhb/9780199396511.013.17

Oliveira, M., & Sani, A. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. *Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia (pp.1061-1074)*. Braga: Centro de Investigação em Educação

O'Meara, A., Davies, J., & Hammond, S. (2011). The psychometric properties and utility of the Short Sadistic Impulse Scale (SSIS). *Psychological assessment*, 23(2), 523. doi:10.1037/a0022400

Oswald, D. & Russell, B. (2006). Perceptions of sexual coercion in heterosexual dating relationships: the role of aggressor gender and tactics. *The Journal of Sex Research*, 43(1), 87-95. doi: 10.1080/00224490609552302

Paulhus, D. L., Curtis, S. R., & Jones, D. (2018). Aggression as a trait: the Dark Tetrad alternative. *Current Opinion in Psychology*, 19, 88-92. doi: 10.1016/j.copsyc.2017.04.007

- Parrott, D. J., Tharp, A. T., Swartout, K. M., Miller, C. A., Hall, G. C. N., & George, W. H. (2012). Validity for an integrated laboratory analogue of sexual aggression and bystander intervention. *Aggressive Behavior*, *38*(4), 309-321. doi: 10.1002/ab.21429
- Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and psychopathology*, *21*(3), 913-938. doi: 10.1017/S0954579409000492
- Paulhus, D. L., & Vazire, S. (2007). The self-report method. *Handbook of research methods in personality psychology*, *1*(2007), 224-239. doi: 2007-11524-013
- Paulhus, D. L. (2014). Toward a taxonomy of dark personalities. *Current Directions in Psychological Science*, *23*(6), 421-426. doi: 10.1016/j.paid.2016.05.029
- Pérez, V. A. F., Fiol, E. B., Palmer, M. C. R., & Guzmán, C. N. (2006). Las creencias y actitudes sobre la violencia contra las mujeres en la pareja: Determinantes sociodemográficos, familiares y formativos. *Anales de Psicología/Annals of Psychology*, *22*(2), 251-259. doi:10.6018/analesps
- Pflugrad, D., & Allen, B. (2012). A grounded theory analysis of sexual sadism in females. *Journal of sexual aggression*, *18*(3), 325-337. doi: 10.1080/13552600.2011.597058
- Plouffe, R. A., Saklofske, D. H., & Smith, M. M. (2017). The assessment of sadistic personality: Preliminary psychometric evidence for a new measure. *Personality and individual differences*, *104*, 166-171.

- Raghavan, C., Cohen, S., & Tamborra, T. (2015). Development and preliminary validation of the multidimensional sexual coercion questionnaire (MSCQ). *Journal of Sexual Aggression, 21*(3), 271-289. doi: 10.1080/13552600.2014.917341
- Reno, J., Marcus, D., Leary, M. L., Samuels, J.E. (2000). Full Report of the Prevalence, Incidence, and Consequences of Violence Against Women. Centers for Disease Control and Prevention. <https://www.ojp.gov/pdffiles1/nij/183781.pdf>
- Richters, J., De Visser, R. O., Rissel, C. E., Grulich, A. E., & Smith, A. M. (2008). Demographic and psychosocial features of participants in bondage and discipline, "somasochism" or dominance and submission (BDSM): Data from a national survey. *The journal of sexual medicine, 5*(7), 1660-1668. doi: 10.1111/j.1743-6109.2008.00795.x
- Robinson, M. D., & Wilkowski, B. M. (2010). Personality processes in anger and reactive aggression: An introduction. *Journal of personality, 78*(1), 1-8. doi: 10.1037/0033-2909.132.5.751.
- Rozee, P. D., & Koss, M. P. (2001). Rape: A century of resistance. *Psychology of Women Quarterly, 25*(4), 295-311. doi: 10.1111/1471-6402.00030
- Sarwer, D. B., Kalichman, S. C., Johnson, J. R., Early, J., & Ali, S. A. (1993). Sexual aggression and love styles: An exploratory study. *Archives of Sexual Behavior, 22*(3), 265-275. doi: 10.1007/BF01541771
- Scarduzio, J., Carlye, K., Harris, K., & Savage, M. (2016). "Maybe she was provoked": exploring gender stereotypes perpetrators of intimate partner violence. *Violence Against Women, 23*(1), 1-25. doi: 10.1177/1077801216636240
- Schatzel-Muephy, E., Harris, D.A., Knight, R.A., & Milburn, M.A. (2009). Sexual Coercion in Men and women: Similar Behaviors, Different Predictors. *Archives of Sexual Behavior, 36*(6), 974-86. doi: 10.1007/s10508-009-9481-y

Shechory, M., & Idisis, Y. (2006). Rape myths and social distance toward sex offenders and victims among therapists and students. *Sex Roles, 54*(9), 651-658. doi: 10.1007/s11199-006-9031-1

Shackerlford, Y. K. & Goetz, A. T. (2004). Men's sexual coercion in intimate relationships: a Comparative Analysis of the Effects of Women's Infidelity and Men's Dominance and Control. *Archives of Sexual Behavior, 38*, 226-234. doi: 10.1007/s10508-008-9353-x

Strauss, M.A. (2004). Prevalence of Violence Against Dating Partners by Male and Female University Students Worldwide. *Violence Against Women, 10*(7), 790-811. doi: 10.1177%2F1077801204265552

Struckman-Johnson, C., Struckman-Johnson, D., & Anderson, P. B. (2003). Tactics of sexual coercion: When men and women won't take no for an answer. *Journal of sex research, 40*(1), 76-86. doi:10.1080/00224490309552168.

Söchting, I., Fairbrother, N., & Koch, W. J. (2004). Sexual assault of women: Prevention efforts and risk factors. *Violence against women, 10*(1), 73-93. doi: 10.1177%2F1077801203255680

Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000). Prevalence and consequences of male-to female and female-to-male intimate partner violence as measured by the National Against Women Survey. *Violence Against Women, 6*(2), 142-16. doi: 10.1177/10778010022181769

Karjane, H. K., Fisher, B. S., & Cullen, F. T. (1999). Campus sexual assault: How America's institutions of higher education respond. *Final Report, NIJ Grant.*

- Kerig, P. K., & Stellwagen, K. K. (2010). Roles of callous-unemotional traits, narcissism, and Machiavellianism in childhood aggression. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 32(3), 343-352. doi: 10.1007/s10862-009-9168-7
- Kernsmith, P. D., & Kernsmith, R. M. (2009). Gender differences in responses to sexual coercion. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 19(7), 902-914. doi: 10.1080/10911350903008098
- Kilpatrick, D., Edmunds, C., & Seymour, A. (1992). Rape in America: A Report to the Nation. National Victim Center, Crime Victims Research and Treatment Center. *International Journal of Clinical Medicine*, 5(14), 8-17.
- Klann, M. (2017). The Dark Tetrad and its Relation with Maladaptive Personality Traits and Sexual Tactis [Dissertação de Mestrado, Universidade de Illinois]. ProQuest Dissertations and Thesis
- Knight, R.A., & Guay, J.P. (2006). *Handbook of psychopath.* (2nd ed.). The Guilford Press.
- Kohlsdorf, M., & Costa Júnior, Á. L. (2009). O autorrelato na pesquisa em psicologia da saúde: desafios metodológicos. *Psicologia Argumento*, 27(57), 131-139. doi: 10482/6028
- Koss, M. P., Abbey, A., Campbell, R., Cook, S., Norris, J., Testa, M., & White, J. (2007). Revising the SES: A collaborative process to improve assessment of sexual aggression and victimization. *Psychology of Women Quarterly*, 31(4), 357-370. doi: 10.1111/j.1471-6402.2007.00385.x
- Kowalski, C. M., Di Pierro, R., Plouffe, R. A., Rogoza, R., & Saklofske, D. H. (2020). Enthusiastic acts of evil: The Assessment of Sadistic Personality in Polish and Italian populations. *Journal of personality assessment*, 102(6), 770-780.

- Krahé, B., Tomaszewska, P., Kuyper, L., & Vanwesenbeeck, I. (2014). Prevalence of sexual aggression among people in Europe: A Review of the evidence from 27 EU countries. *Aggression and Violent Behaviour*, 19 (5), 545-558. doi: 10.1016/j.avb.2014.07.005
- Kreis, M. K., & Cooke, D. J. (2011). Capturing the psychopathic female: A prototypicality analysis of the Comprehensive Assessment of Psychopathic Personality (CAPP) across gender. *Behavioral Sciences & the Law*, 29(5), 634-648. doi: 10.1002/bsl.1003
- Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., & Zwi, A. B. (2002). The world report on violence and health. *The lancet*, 360(9339), 1083-1088. doi: 10.1016/S0140-6736(02)11133-0
- Livingston, J. A., & Testa, M. (2009). Alcohol consumption and women's Vulnerability to Sexual Victimization: Can Reducing Women's Drinking Prevent Rape?. *Substance Use & Misuse*, 44, 1349-1376. doi: /10.1080%2F10826080902961468
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: a critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21(1), 105-127. doi: 10.1016/S0272-7358(99)00042-2
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo de prevalência em jovens portuguesas adultas. *Psychologica*, 36, 75-107. doi: 1822/4211
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence against women*, 10(7), 790-811.
- United Nations Children's Fund (UNICEF). Hidden in Plain Sight: A statistical analysis of violence against children. New York: UNICEF; 2014
- Verona, E., & Vitale, J. (2018). Psychopathy in women: Assessment, manifestations, and etiology. *Handbook of Psychopathy* (2nd ed.) Guilford Press.

- Voller, E. K., & Long, P. J. (2010). Sexual assault and rape perpetration by college men: The role of the big five personality traits. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(3), 457-480. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260509334390>
- Warren, J. I., & Hazelwood, R. R. (2002). Relational patterns associated with sexual sadism: A study of 20 wives and girlfriends. *Journal of Family Violence*, 17(1), 75-89. doi: [10.1023/A:1013661007211](https://doi.org/10.1023/A:1013661007211)
- Watkins, L. E., Maldonado, R. C., & DiLillo, D. (2014). Hazardous alcohol use and intimate partner aggression among dating couples: The role of impulse control difficulties. *Aggressive Behavior*, 40(4), 369-381. doi: [10.1002/ab.21528](https://doi.org/10.1002/ab.21528)
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: the PANAS scales. *Journal of personality and social psychology*, 54(6), 1063. doi: [10.1037/0022-3514.54.6.1063](https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063) University Press.
- Westhead, J., & Egan, V. (2015). Untangling the concurrent influences of the Dark Triad, personality and mating effort on violence. *Personality and Individual Differences*, 86, 222-226. doi: [10.1016/j.paid.2015.05.031](https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.05.031)
- Webster, G. D., Gesselman, A. N., Crysel, L. C., Brunell, A. B., Jonason, P. K., Hadden, B. W., & Smith, C. V. (2016). An actor-partner interdependence model of the Dark Triad and aggression in couples: Relationship duration moderates the link between psychopathy and argumentativeness. *Personality and Individual Differences*, 101, 196-207. doi: [10.1016/j.paid.2016.05.065](https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.05.065)
- Wilkowski, B. M., Robinson, M. D., & Troop-Gordon, W. (2010). How does cognitive control reduce anger and aggression? The role of conflict monitoring and forgiveness processes. *Journal of personality and social psychology*, 98(5), 830. doi: [10.1037/a0018962](https://doi.org/10.1037/a0018962)

World Health Organization (2003). Guidelines for medico-legal care for victims of sexual violence.

[https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/5640EF03EB516383C1256FD4004E9583-WHO\\_Guidelines\\_2003.pdf](https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/5640EF03EB516383C1256FD4004E9583-WHO_Guidelines_2003.pdf)

Zeigler-Hill, V., Enjaian, B., & Essa, L. (2013). The role of narcissistic personality features in sexual aggression. *Journal of Social and Clinical Psychology, 32*(2), 186–199. doi: 0.1521/jscp.2013.32.2.186

# **ANEXOS**

## **Anexo A.** *Consentimento Informado*

A aluna do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade do Algarve encontra-se a realizar uma dissertação para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação da Professora Alexandra Gomes.

A presente investigação tem como objetivo compreender os comportamentos coercivos na dinâmica do casal e a sua relação com os traços antagónicos da personalidade. Caso concorde em participar por favor clique na opção “Pretendo participar no estudo”.

Os dados que serão recolhidos são unicamente utilizados para fins de investigação e em todo o momento será assegurada a sua confidencialidade. O código que lhe foi atribuído apenas serve para conseguirmos emparelhar a amostra, mas não revela em momento algum a sua identidade. Relembramos que a sua participação é voluntária e pode interrompê-la a qualquer momento.

**Anexo B.** *Questionário Sociodemográfico*

*Questionário Sociodemográfico*

Idade: \_\_\_\_

Género:

Masculino

Feminino

Estado civil:

Solteiro (a)

Casado(a) ou em união de facto

Separado (a) ou divorciado (a)

Viúvo (a)

Região de Portugal de origem/residência oficial:

Algarve

Alentejo

Estremadura, ribatejo (incluindo a Zona da Grande Lisboa)

Beira Interior

Beira Litoral

Douro e minho (incluindo zona do Grande Porto)

Trás os Montes e Alto Douro

Zonas autónomas (Madeira e Açores)

Situação profissional:

- Estudante a tempo inteiro
- Trabalhador-estudante
- Trabalhador por conta de outro
- Trabalhador por conta própria
- Desempregado7Procura o primeiro emprego

Alguma vez consultou um neurologista?

- Sim
- Não

Alguma vez consultou um psicólogo?

- Sim
- Não

Se respondeu sim, refira o motivo: \_\_\_\_\_

Alguma vez consultou um psiquiatra?

- Sim
- Não

Se respondeu sim, anteriormente, refira o motivo: \_\_\_\_\_

Tomou ou toma medicação psiquiátrica?

Se respondeu sim, anteriormente, refira o motivo: \_\_\_\_\_

Alguma vez se viu envolvido num acidente grave?

Sim

Não

## **Anexo C. Questionário referente à história do casal**

### **Questionário referente à história do casal**

1. Há quanto tempo está no seu relacionamento atual? (refira a unidade de medida como sendo anos ou meses):

---

---

2. Considera que a sua relação é estável?

Sim

Não

3. Considera que a sua relação é fechada ou monogâmica?

Sim

Não

4. Como descreveria a sua relação do ponto de vista da sua relação?

Heterossexual

Homossexual

5. Alguma vez sentiu que o/a seu/sua parceiro/a a/o coagiu de alguma maneira, do ponto de vista sexual?

Sim

Não

6. Alguma vez sentiu que era forçado/a a fazer alguma coisa que não desejava, por parte do seu/sua parceiro/a?

Sim

Não

7. Alguma vez cedeu aos avanços do/a seu/sua parceiro/a, apesar de inicialmente não ser sua vontade fazê-lo?

Sim

Não

8. Alguma vez sentiu ameaças ou chantagem por parte do/a seu/sua parceiro/a, com vista a conseguir algo de si?

Sim

Não

**Anexo D.** *Questionário referente aos cenários de coerção sexual.*

**Questionário referente aos cenários de Coerção Sexual**

Serão apresentados vários cenários possíveis precursores de relações sexuais entre duas pessoas. Para cada cenário, deverá ponderar se a situação (idêntica ou similar), já aconteceu consigo, qual o seu papel na situação e como foi o desfecho da mesma. Caso nunca tenha passado pela situação, tente por favor, imaginar que tal situação aconteceria consigo e qual seria o possível desfecho da mesma.

**Cenário A**

Um casal que começou a namorar recentemente, encontra-se num restaurante/bar para um encontro. Um deles (elemento 1), toma a iniciativa de pagar a despesa que está a ser feita. Ao longo da noite, essa mesma pessoa, pressiona para ser sempre ele/ela a pagar a despesa e vai sempre oferecendo novas bebidas a quem está com ele/ela. Apesar do outro elemento (elemento 2) mostrar, de várias formas, desagrado perante a situação, não consegue impedi-lo de não o fazer. Quando a noite termina, o elemento 1 insiste em entrar em casa do outro (elemento 2), pressionando a situação.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

Apesar da insistência nada acontece e cada um segue o seu caminho.

Acabam por entrar na mesma casa e os avanços sexuais resultam por vontade de ambos.

Acabam por entrar e envolvem-se sexualmente, porque o elemento 2, apesar de desagradado não consegue impedir o elemento 1 de o fazer.

O elemento 1 força a sua entrada bem como os avanços sexuais

### **Cenário B**

Um casal, numa relação estável e monogâmica, tem por hábito oferecer prendas regularmente. No entanto, o elemento 1, sempre que oferece prendas ao elemento 2, parece sugerir em seguida, que uma forma de mostrar o seu agradecimento, é através de favores sexuais.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

O elemento 2 recusa-se a ter relações sexuais como forma de pagamento.

Há relações sexuais com maior facilidade, mas porque há gosto em fazê-lo: as situações não estão relacionadas

Há relações sexuais porque o elemento 2 se sente obrigado a isso.

O elemento 1 insiste e força o elemento 2 a ter relações sexuais, contra a sua vontade.

### **Cenário C**

Numa relação há um dos elementos que, sem aviso prévio, resolve fazer um grande gesto romântico. O elemento 2 é surpreendido e percebe que esse gesto foi realizado também com a intenção de precipitar a ocorrência de relações sexuais entre o casal.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

1. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

2. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

O elemento 2, recusa-se a ter relações sexuais como forma de pagamento pelo gesto romântico.

Há relações sexuais, mas não está relacionado com a existência do gesto romântico.

O elemento 2 acede a ter relações sexuais por causa do gesto romântico.

O elemento 1 força o elemento 2 a ter relações sexuais por causa do gesto romântico.

### **Cenário D**

Um casal, decide fazer um programa simples de sábado à noite e ficam por casa a ver um filme, na televisão. Durante o filme, o elemento 1 começa a procurar o

elemento 2, acariciando-lhe a perna, beijando-lhe o pescoço e dando a entender, subtilmente, que está com vontade de ter relações sexuais.

O elemento 2, tenta desviar as investidas do elemento 1, que se vão tornando mais claras e persistentes, com toques mais próximos, mais acesos e em locais mais erógenos.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, seleccione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação, se fosse consigo).

Apesar das tentativas do elemento 1, o elemento 2 recusa-se a ter sexo.

As tentativas resultam e acabam por fazer sexo, por vontade de ambos.

As tentativas resultam e acabam por fazer sexo, apesar do elemento 2 não querer,

O elemento 1 força, deliberadamente, o elemento 2 a ter sexo com ele.

### **Cenário E**

Após um breve encontro numa situação social comum, como uma festa, dois jovens começam a conhecer-se melhor e acabam por se beijar. Após algumas semanas de saídas a dois, decidem assumir a relação. Num período breve após terem assumido a relação, o elemento 1 convida o elemento 2 para passar por sua casa. Já em casa, o elemento 1 faz avanços claros no sentido de terem relações sexuais, despindo-se, tentando que o elemento 2 faça o mesmo, apesar do desconforto do segundo.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, seleccione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece

O elemento 2 ultrapassa o desconforto e acede a ter relações sexuais.

Mesmo não querendo, o elemento 2 acaba por aceder à pressão do elemento 1.

O elemento 2, recusa-se e como tal o elemento 1 força a relação sexual.

## Cenário F

Após um jantar normal entre um grupo de amigos, um casal desse mesmo grupo, decide ir para casa. Com isso, um dos elementos (elemento 1), disponibilizou-se para deixar o outro elemento à porta de casa (elemento 2). Durante o percurso, a pé, o elemento 1, colocou o braço à volta do elemento 2, procurando sempre puxá-lo para próximo de si e tentando aproximar-se fogosamente. No momento da despedida, o elemento 1 pediu de uma forma subtil ao elemento 2, que passassem a noite juntos. O elemento 2, respondeu que ainda era muito cedo e por isso seria melhor não, despediu-se e dirigiu-se à porta de casa, mas nesse momento, o elemento 1, acabou por pressionar novamente a situação.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, seleccione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 2 desembaraça-se do abraço e entra em casa sozinho.

- Após o abraço, o elemento 1 beija o elemento 2 e acabam por entrar em casa juntos, por vontade de ambos.
- Após o abraço, o elemento 1 beija o elemento 2, e apesar do elemento 2 não querer, cede aos avanços do parceiro.
- O elemento 1, força o parceiro a passarem a noite juntos, contra a clara vontade do elemento 2.

### **Cenário G**

Num grupo de amigos, há um elemento que é sempre mais descontraído. Certo dia, ao chegar a um encontro entre todos, um dos elementos do casal (elemento 1) aproxima-se do seu parceiro (elemento 2), e apalpa-o descontraidamente, rindo-se em seguida. Posteriormente, abraça-o e tenta tocar-lhe nas partes íntimas perante todo o grupo de amigos. Quando o elemento 2 decide ir embora, o elemento 1 vai também. Já no caminho, insiste para que encostem o carro e se envolvam intimamente, apesar de o elemento 2 não mostrar interesse.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1
- Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 2 não reage aos avanços do elemento 1 e nada acontece.

O elemento 2 reage aos avanços do elemento 1 e acabam por se envolver.

O elemento 2, mesmo contra a sua vontade, cede aos avanços do elemento 1.

O elemento 1 força o elemento 2 a envolver-se com ele, mesmo contra a sua vontade expressa.

### **Cenário H**

Um casal foi ao cinema com o seu grupo de amigos. Um dos elementos (elemento 1), no final do filme ofereceu-se para levar a casa, de carro, o seu companheiro (elemento 2). Quando o elemento 2, chegou à porta de casa, e se ia despedir, percebe que o elemento 1, tenta tocar-lhe nas partes íntimas.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

- O elemento 2 rejeita os avanços e nada acontece entre eles.
- Os avanços resultam com desejo expresso de ambos.
- O elemento 2 resigna-se e mesmo sem vontade, acede aos desejos do parceiro.
- O elemento 1 força a situação com o elemento 2, mesmo sem o seu consentimento e contra a sua vontade.

### **Cenário I**

Um casal encontra-se na praia a relaxar. Estavam sentados na praia a conversar, e de repente, o elemento 1, começa a agarrar por trás o elemento 2 e a beijar-lhe o pescoço, ao mesmo tempo que lhe massajava o peito. O elemento 2 pede-lhe para parar, pois não estava com vontade e que tinha de respeitar. Mas o elemento 1 não parou, e continuou insistentemente a acariciar e a beijar o elemento 2. Entretanto, o elemento 1 começa a despir a roupa do elemento 2 e a tocar-lhe nas partes íntimas.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 2 recusa os avanços e nada acontece.

O elemento 2 deixa-se levar pelos avanços e acaba por envolver-se com o elemento 1, de forma consentida.

Os avanços resultam e, apesar do elemento 2 não querer, acaba por não dizer que não quer, aceitando a situação.

O elemento 1 força o elemento 2 contra a sua vontade.

## Cenário J

Após algum tempo de namoro, um casal pondera começar a ter relações sexuais. O elemento 2 parece estar com mais vontade que o elemento 1, portanto, planeia uma situação romântica para precipitar a situação. Num dia, o elemento 1 recusa-se a ter sexo e o elemento 2 segura-o com força, procurando constranger os movimentos do seu parceiro.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

Apesar do uso da força, o elemento 1 recusa-se a ter sexo e nada acontece.

O elemento 1 acaba por reconsiderar e acabam por ter relações, de forma consentida.

O casal acaba por ter sexo, apesar do elemento 1 não querer.

O elemento 2 força sexualmente o elemento 1 contra a sua vontade, mesmo depois de este dizer expressamente que não.

## Cenário K

Um casal, encontra-se em casa, deitados no sofá, sozinhos. O elemento 1, insinua que está com vontade de ter relações sexuais, convite que o elemento 2 rejeita. Apesar de ter aceite a resposta, o elemento 1 continuou a mostrar ao elemento 2 que estava com vontade. Quando o elemento 2 deu conta, o elemento 1 estava em cima de si, a usar o peso do corpo para que este não pudesse fugir aos seus avanços.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, seleccione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

Apesar do uso da força, o elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.

O elemento 2 acaba por reconsiderar e acabam por ter relações, de forma consentida.

O casal acaba por ter sexo por resignação do elemento 2.

- O elemento 1 força sexualmente o elemento 2 contra a sua vontade, mesmo depois de este dizer expressamente.

### **Cenário L**

Um casal dorme junto. A meio da noite, o elemento 1, sente que o elemento 2 lhe estimula os genitais e força a penetração.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1
- Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, seleccione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

- O elemento 1 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 1 permite a situação e acabam por ter sexo de forma consentida.
- O elemento 1, deixa-se levar, mesmo sem vontade, tendo relações sexuais.
- O elemento 2 força sexualmente o elemento 1 contra a sua vontade, mesmo depois de este dizer expressamente.

## Cenário M

Um dos elementos de um casal (elemento 1), após utilizar algumas drogas recreativas, decide deitar-se e descontraír. Quando se apercebe, o elemento 2 está ao seu lado, a tentar estimulá-lo sexualmente, para que tenham relações sexuais.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, seleccione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 1 acorda, recusa-se a ter sexo e nada acontece.

O elemento 1 consente a relação sexual.

O elemento 1, decide não contrariar a vontade do elemento 2 e acede, mesmo sem estar com vontade.

O elemento 2 força sexualmente o elemento 1 contra a sua vontade, mesmo depois de este dizer expressamente.

## Cenário N

Um jovem, por se encontrar doente, toma medicação forte que o deixa letárgico. Após a toma, deita-se a descansar à espera que o efeito passe. O seu companheiro (elemento 2) aproveita a situação, para se deitar ao seu lado. Quando o elemento 1 se apercebe, o elemento 2 já estava a tentar estimulá-lo sexualmente para que a penetração ocorra.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, seleccione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 1 acorda, recusa-se a ter sexo e nada acontece.

O elemento 1 permite a situação e acabam por ter sexo de forma consentida.

O casal acaba por ter sexo, sem que o elemento 1 chegue a poder afirmar a sua vontade.

O elemento 2 força sexualmente o elemento 1 contra a sua vontade, mesmo depois de este dizer expressamente que não.

## Cenário O

Após uma festa, com excesso de consumo de álcool, dois jovens envolvidos romanticamente, chegam a casa. O elemento 1, procura então forçar o elemento 2, a ter relações sexuais, apesar do estado alterado de consciência de ambos.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.

O elemento 2 consente a relação sexual livremente.

O elemento 2 aceita ter relações sexuais sem vontade, para satisfazer o parceiro.

O elemento 1, força sexualmente o elemento 2 contra a sua vontade, mesmo depois de este dizer expressamente que não.

## Cenário P

Dois jovens começam a namorar mais a sério e, por causa disso, o elemento 1, tenta avançar sexualmente. O elemento 2, ainda não sente que esteja na altura de o fazer. Após uma recusa, o elemento 1 sugere ao elemento 2, que talvez tenha que usar a sua força física para o obrigar a ter sexo.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 2 não cede e não há relações sexuais.

Apesar da recusa inicial, acabam por ter sexo de forma consentida, por vontade de ambos.

O elemento 2 permite a relação sexual, para evitar o confronto.

O elemento 2, recusa-se e o elemento 1 força-o sexualmente.

## Cenário Q

Um casal monogâmico e numa relação estável, está em casa num clima conflituoso. O casal tinha tido um desentendimento pois o elemento 1, tentou ter relações sexuais com o elemento 2, mas este não estava com vontade. Após alguma insistência, o elemento 1 sugere que irá terminar a relação caso não tenham sexo.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

Não há relação sexual.

O elemento 2 não liga à ameaça, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.

O elemento 2 reage à ameaça e acaba por consentir o sexo.

O elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 2.

## Cenário R

Dois jovens que estavam numa relação recente e pouco estável, têm um desentendimento porque o elemento 1, queria ter relações sexuais, enquanto o elemento 2 dizia não querer. O elemento 1, continuava sempre a demonstrar o seu desejo em avançar sexualmente e um dia, farto da situação, disse ao elemento 2 que se não tivesse relações sexuais, ia terminar tudo.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, seleccione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.

O elemento 2 não liga à ameaça, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.

O elemento 2 reage à ameaça e acaba por consentir o sexo.

O elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 2.

## Cenário S

Um casal recente procura o momento ideal para se iniciar sexualmente.

Enquanto o elemento 1 quer esperar, o elemento 2, acha que já se conhecem suficientemente bem. Após mais alguns argumentos, o elemento 2 diz que todos os outros fazem, não percebe porque o elemento 1 se recusa a tal e que talvez devesse pensar nisso.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, seleccione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 1 recusa-se a ter sexo e nada acontece.

O elemento 1 não liga à ameaça, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.

O elemento 1 resigna-se e têm relações, mesmo contra a sua vontade inicial.

O elemento 2 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 1.

## Cenário T

Um casal de jovens decidiu que deveria ir jantar fora. O elemento 1, durante o jantar, mostra o seu interesse em depois do jantar, vir a ter relações sexuais e experimentar algumas fantasias novas. Após a refeição, o casal vai para casa. O elemento 1, tenta convencer o seu parceiro (elemento 2) a realizar as suas fantasias, mas este não quer. Durante a discussão, o elemento 1 refere “o meu parceiro anterior fazia e tu não fazes!”.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.

O elemento 2 não liga à ameaça, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.

O elemento 2 reage à ameaça e acaba por consentir as fantasias.

O elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 2.

## Cenário U

Um casal de jovens, mantinha uma relação sem compromisso, mas exclusiva há algum tempo. O casal tinha relações sexuais com frequência, mas com proteção (preservativo). A certa altura um dos elementos do casal (elemento 1), refere que não quer mais usar preservativo nas relações. O elemento 2 não concorda. Após mais alguma discussão, o elemento 1 diz ao elemento 2: se não fazes é porque não me amas de verdade.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 2 recusa-se a ter sexo sem preservativo e nada acontece.

O elemento 2 repensa a situação e decide que pode arriscar, tendo sexo desprotegido nesse dia.

O elemento 2 resigna-se ao argumento e, mesmo contra a sua vontade, desiste de usar preservativo.

- Durante as relações sexuais, o elemento 1 retira o preservativo sem o consentimento do elemento 2.

### **Cenário V**

Um casal, está numa relação estável e monogâmica. O elemento 1, demonstra o seu interesse em receber carícias íntimas, mas o elemento 2 não se mostra disponível para tal, quando este lhe pede. O elemento 1 argumenta com o parceiro que “se me amas tens que fazer”.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, seleccione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.

O elemento 2 não liga à afirmação, mas acaba por consentir e têm sexo.

O elemento 2 reage à afirmação e acaba por consentir o sexo.

o elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 2.

### **Cenário W**

Um casal de jovens encontrava-se numa relação estável e monogâmica. O elemento 1 pediu ao elemento 2, para lhe enviar fotos de cariz sexual, mas o elemento 2, estava um pouco reticente em relação ao envio das fotos. O elemento 1 fica um pouco aborrecido e diz ao seu parceiro “se não me envias as fotos é porque não confias em mim”.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, seleccione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 2 recusa-se a enviar as fotos e o assunto termina ali

O elemento 2 decidiu tirar as fotos e enviar, por achar que até poderia ser interessante para o casal.

O elemento 2 reage à afirmação e acaba por enviar as fotos.

- o elemento 1 quando tem oportunidade, tira as fotos do elemento 2, mesmo contra a sua vontade.

### **Cenário Y**

Um casal de jovens, encontrava-se numa relação estável e duradoura. Um dos elementos do casal (elemento 1), chateou-se com o seu parceiro porque estava insatisfeito com a vida sexual. O elemento 1, referia continuamente que não faziam tantas vezes como um casal normal de jovens, que deveriam fazer mais vezes e que era obrigação do seu parceiro satisfazê-lo sempre que este desejasse.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.

O elemento 2 não liga à afirmação, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.

O elemento 2 reage à afirmação e acaba por consentir o sexo.

- O elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 2.

### **Cenário X**

Um casal, encontrava-se numa relação estável e duradoura. Passavam tempo juntos com frequência e mantinham relações sexuais regularmente. A certa altura, um dos elementos do casal (elemento 1), deixou de querer ter relações sexuais com tanta frequência. Num dia, em que o elemento 2 insistia em ter relações sexuais, afirmou: “se não fazes é porque me estás a trair”.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

Sim, já passei por algo semelhante.

Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

Seria o elemento 1

Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, seleccione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

O elemento 1 recusa-se a ter sexo e nada acontece.

O elemento 1 não liga à afirmação, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.

- O elemento 1 reage à afirmação e acaba por consentir o sexo.
- O elemento 2 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 1.

### **Cenário Z**

Um casal, encontrava-se numa relação estável e duradoura e numa experiência sexual, resolveram fazer alguns filmes de ambos. Num dia em que o elemento 1 se sentia menos bem, e não estava com vontade de ter relações sexuais, o elemento 2 sugeriu que iria divulgar os vídeos, caso se recusasse fazer o que esse elemento queria.

~

1. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1
- Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

- O elemento 1 recusa-se a ter sexo e não cede à ameaça.
- O elemento 1 não liga à afirmação, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.

- O elemento 1 reage à afirmação e acaba por consentir o sexo.
- O elemento 2 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 1.

### **Cenário A1**

O elemento 1, procura o elemento 2 para ter sexo, depois de um dia de trabalho.

O elemento 2 diz que não está com vontade. Após alguma insistência, o elemento 1 insinua que se o elemento 2 não quer, há quem queira ter sexo.

1. Consegue identificar-se com esta situação?

- Sim, já passei por algo semelhante.
- Não, nunca passei por esta situação.

2. Quando passou pela situação (ou hipoteticamente) qual é que considera que foi o seu papel na história?

- Seria o elemento 1
- Seria o elemento 2

3. Das seguintes opções, selecione aquela que mais se aproxima ao desfecho da situação que viveu (ou aquela que considera que seria o desfecho real da situação se fosse consigo).

- O elemento 2 recusa-se a ter sexo e nada acontece.
- O elemento 2 não liga à afirmação, mas acaba por consentir e têm sexo nesse dia.
- O elemento 2 reage à afirmação e acaba por consentir o sexo.
- O elemento 1 acaba mesmo por forçar sexualmente o elemento 1.

**Anexo E.** *Questionário dos Traços Antagônicos de personalidade – Short Dark Tetrad (sd4)*

língua portuguesa do Short Dark Tetrad (SD4, Paulhus, Neumann & Jones, 2018). O SD4 é um instrumento multidimensional que avalia a presença de traços subclínicos de personalidade em subescalas dimensões: Maquiavelismo (“Não é sensato deixar as pessoas saberem os teus segredos”), Narcisismo (“Tenho um talento natural para persuadir as pessoas”, Psicopatia (“As pessoas que se metem comigo arrependem-se sempre”) e Sadismo (“Ver uma luta excita-me”). É composto por 30 questões, às quais os participantes teriam que respondem numa escala tipo *Likert*, que no presente estudo se estendeu a 5 pontos (1-totalmente em desacordo; 5-totalmente de acordo).

Escala de resposta para o grau de **CONCORDÂNCIA**

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
Totalmente em desacordo	Desacordo	Neutro	Concordo	Totalmente de acordo

Por favor, refira o seu grau de acordo com os seguintes itens, utilizando uma escala de 1 a 5 pontos.

	<b>1-Discordo fortemente</b>	<b>2- Desacordo</b>	<b>3- Neutro</b>	<b>4- Concordo</b>	<b>5- Totalmente de acordo</b>
<b>1.</b> Não é inteligente deixar que as pessoas saibam					

os teus segredos.					
<b>2.</b> Custe o que custar, deves ter pessoas importantes a teu lado.					
<b>3.</b> Evita o conflito direto com os outros porque eles podem ser úteis no futuro.					
<b>4.</b> Mantém-te discreto se queres as coisas à tua maneira.					
<b>5.</b> Manipular uma situação requer planeamento.					
<b>6.</b> Bajular é uma boa forma de colocar pessoas a teu lado.					

<p><b>7.</b> Eu adoro quando um plano trapaceiro é bem-sucedido.</p>					
<p><b>8.</b> As pessoas veem-me como um líder natural.</p>					
<p><b>9.</b> Eu tenho um talento natural para persuadir os outros</p>					
<p><b>10.</b> Eu entretenho as pessoas com as minhas piadas e histórias.</p>					
<p><b>11.</b> As atividades de grupo tendem a ser monótonas sem mim.</p>					
<p><b>12.</b> Eu sei que sou especial porque as</p>					

<p>12. As pessoas dizem-me isso.</p>					
<p>13. Eu tenho algumas qualidades excepcionais</p>					
<p>14. É possível que eu me torne uma futura estrela numa qualquer área.</p>					
<p>15. Quem se mete comigo arrepende-se sempre.</p>					
<p>16. Às vezes, eu meto-me em situações perigosas.</p>					
<p>17. A vingança deve ser rápida e desagradável.</p>					
<p>18. As pessoas dizem-me frequentemente</p>					

que estou fora de controlo.					
19. Já tive problemas com a lei.					
20. é provável que eu magoe as pessoas que se atravessam no meu caminho.					
21. é provável que eu magoe alguém que se cruze no meu caminho.					
22. Eu não me importo que as pessoas pensem que eu sou mau/má.					
23. Gosto de filmes sangrentos e de jogos de vídeo violentos.					

24. Excita-me assistir a uma luta física.					
25. As cenas de tortura tornam os filmes e jogos mais interessantes.					
26. Eu magoei propositadamente alguém por diversão.					
27. Eu gosto de assistir a desportos violentos.					
28. Eu sei como magoar alguém apenas com palavras.					
29. Algumas pessoas merecem sofrer					
30. Eu disse coisas más nas					

redes sociais apenas por diversão.					
--	--	--	--	--	--

## **Anexo F. Escala de Afeto Positivo e Negativo (PANAS-AN/AP)**

### **PANAS**

A PANAS é uma escala que avalia a experiência afetiva dos sujeitos em dois polos distintos: emoções positivas (AP) e emoções negativas (AN). Pontuações elevadas nos AN revelam desprazer e mal-estar subjetivo, em particular, emoções como medo, nervosismo e perturbação. Pontuações elevadas nos AP revelam prazer e bem-estar subjetivo, incluindo entusiasmo, inspiração e determinação. ”). É composta por 20 questões, às quais os participantes teriam que respondem numa escala tipo *Likert*, que no presente estudo se estendeu a 5 pontos (1- Nada ou muito ligeiramente; 5-Extremamente).

Escala de resposta para o grau de CONCORDÂNCIA

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
Nada ou muito ligeiramente	Um pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente

Este questionário consiste num conjunto de sentimentos e emoções. Leia cada item e marque a resposta correta no espaço à frente de cada palavra, de acordo com as seguintes opções de resposta: 1 “Nada ou muito ligeiramente”; 2 “Um pouco”; 3 “Moderadamente”; 4 “Bastante”; 5 “Extremamente”

	1-Nada ou muito ligeiramente	2-Um pouco	3-Moderadamente	4-Bastante	5-Extremamente
Interessado					
Excitado					
Agradavelmente Surpreendido					
Caloroso					
Entusiasmado					
Orgulhoso					
Encantado					
Inspirado					
Determinado					
Ativo					

	1-Nada ou muito ligeiramente	2-Um pouco	3-Moderadamente	4-Bastante	5-Extremamente
Perturbado					
Atormentado					

Culpado					
Assustado					
Repulsa					
Irritado					
Remorsos					
Nervoso					
Trémulo					
Amedrontado					

## Anexo G. Questionário de agressividade de Buss-Perry (AQ)

Para avaliar os comportamentos agressivos, utilizou-se uma versão portuguesa do AQ desenvolvido por Simões (1993). É um instrumento multidimensional, composto por 29 itens, que avalia a agressão em quatro subescalas: agressividade física (“Se tiver que recorrer à violência para proteger os meus direitos faço-o”), agressividade verbal (“quando discordo dos meus amigos, digo-lhes abertamente”), raiva (“alguns dos meus amigos pensam que sou conflituoso) e hostilidade (“Quando os outros são especialmente amáveis comigo, pergunto-me o que quererão). Cada um dos itens foi classificado numa escala que varia entre 1 (Nunca ou quase nunca) e 5 (Sempre ou quase sempre).

### Escala de Resposta para o grau de CONCORDÂNCIA

1	2	3	4	5
Nunca ou quase nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre

	Nunca ou quase nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
Alguns dos meus amigos pensam que sou conflituoso.					
Se tiver que recorrer à violência para proteger os					

meus direitos faço-o.					
Quando os outros são especialmente amáveis comigo, pergunto-me o que quererão.					
Quando discordo dos meus amigos, digo-lhes abertamente					
Já fiquei tão zangado que parti coisas.					
Não consigo evitar, discutir com as pessoas, quando elas discordam de mim.					
Pergunto-me porque é que às vezes me sinto tão amargo com as coisas.					
De vez em quando não consigo controlar a vontade de bater numa pessoa.					
Sou uma pessoa extremamente calma.					
Fico desconfiado com estranhos muito amáveis.					
Já ameacei pessoas que conheço.					

Exalto-me facilmente, mas passa-me depressa.					
Se me provocarem bastante, posso bater noutra pessoa.					
Quando as pessoas me irritam, chego a dizer-lhes o que penso delas.					
Às vezes fico cheio de ciúmes dos outros.					
Não consigo encontrar nenhuma boa razão para bater em alguém.					
Por vezes sinto que a vida tem sido injusta comigo.					
Tenho dificuldades em controlar o meu feitio.					
Quando fico frustrado, mostro a minha irritação.					
Por vezes sinto que as pessoas se riem nas minhas costas.					
Muitas vezes entro em desacordo com as pessoas.					

Se alguém me bate, bato-lhe também.					
Por vezes sinto-me um barril de pólvora pronto a explodir.					
As outras pessoas parecem ter sempre melhores oportunidades.					
Houve pessoas que me pressionaram tanto que chegámos a "vias de facto".					
Sei de "amigos" que falam de mim.					
Os meus amigos dizem que gosto de me meter em discussões.					
Às vezes perco o controlo sem razão alguma.					
Metto-me em brigas mais vezes que a maioria das pessoas.					